



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**MISSIONÁRIO DE CRISTO: IMAGENS E DISCURSOS
SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NA LITERATURA DE CORDEL (1940-2007)**

DANILO NOBRE GOMES

CAJAZEIRAS – PB

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**MISSIONÁRIO DE CRISTO: IMAGENS E DISCURSOS
SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NA LITERATURA DE CORDEL (1940-2007)**

DANILO NOBRE GOMES

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Rosilene Alves de Melo

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras – Paraíba

G633m Gomes, Danilo Nobre.

Missionário de cristo: imagens e discursos sobre Frei Damião de Bozzano na literatura de cordel (1940-2007) / Danilo Nobre Gomes. - Cajazeiras, 2017.

85f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Frei Damião. 2. Religiosidade. 3. Literatura de cordel. 4. História cultural nordestina. 5. Nordeste. I. Melo, Rosilene Alves de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 27-39:398.1

DANILO NOBRE GOMES

**MISSIONÁRIO DE CRISTO: IMAGENS E DISCURSOS
SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NA LITERATURA DE CORDEL (1940-2007)**

Aprovada em: 15 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rosilene Alves de Melo – CFP / UFCG
Orientadora

Dra. Rosemere Olímpio de Santana - CFP / UFCG
Examinadora

Ms. Tereza Cândida Alves Diniz – URCA/PARFOR
Examinadora

Dra. Silvana Vieira de Sousa – CFP / UFCG
Examinadora Suplente

CAJAZEIRAS – PB
2017

A meus pais (Damião e Vânia), aos meus avôs (Severina, Neco e Francisca Alzira) e a tia Damiana.

“Frei Damião, Frei Damião...
Eis andarilho abençoado do sertão”!

(Canção de Israel Filho, devoto do missionário, 1997)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência, a Frei Damião pela inspiração. A minha família, pelo apoio incondicional.

Agradeço especialmente a minha mãe Vânia por toda sua dedicação e força que me levaram sempre querer e desejar caminhar sempre para frente, meu pai Damião que tanto trabalhou para garantir minha estadia no curso, ao meu irmão Douglas, ao meu amigo e segundo irmão Thiago dos Santos Farias que sempre me ajudou quando precisei.

Aos meus amigos de turma que comigo dividiram momentos bons e difíceis estudando para provas e seminários enfrentando os obstáculos sempre olhando para os lados e dando força aos amigos que necessitavam, turma que sempre levarei no meu coração. Abraão, Amanda, Benicio, Risoneide, Katiane, Lais, Lidiana, Bianca, Walther, Yan, Guerhansberger, Yonnara, Luédna, Raylessa, Rivania, Ranieltam, Ivanilda e Kerolayne.

Aos meus amigos Breno, Everton, Fernando, Josué, Alberis, João Paulo, Gutierrez, Junior e Willian que dividiram o dia a dia da universidade comigo e todos os momentos de altos e baixos em nossa moradia.

Quero também agradecer a Ianne Ribeiro (minha baiana) por todo apoio e carinho, Maíza Ribeiro que sempre me escutou nos momentos de aflição.

A Amanayara Raquel que sempre se mostrou aberta a me ajudar.

Aos professores do curso de história do qual só tenho de agradecer o que foi me ensinado, homens e mulheres que considero fonte de inspiração. Maria Lucinete, Luiza de Marilaque, Rosemere Santana, Silvana Viera, Viviane Ceballos, Valter, Osmar Filho, Francinaldo Bandeira, Joachim Azevedo e Rodrigo Ceballos.

A minha orientadora, Rosilene Alves de Melo que com seu jeito doce tornou-se minha musa inspiradora que sempre me cativou e motivou a estudar tornando-se ao longo do tempo um exemplo e historiador que quero me tornar. Obrigado pelos conselhos por me mostrar o quanto as lutas são importantes para nosso amadurecimento Rosilene tenha certeza que como educadora você conseguiu plantar sementes para germinação do bem.

Ao PIBID, subprojeto de História (CAPES), coordenado por Rosemere Olímpio de Santana no qual tive a honra de participar. Aos funcionários da Unidade Acadêmica de Ciências Sórias do Centro de Formação de Professores: Girleuda Lopes, Joana Sousa, e a Myrian Nascimento.

A Doralice (Presidente da Comunidade Quilombola dos Rufinos), meu muito obriga por todo o apoio!

Não posso esquecer de agradecer a Estela Santos a bibliotecária do acervo Átila Almeida pela acolhida calorosa durante toda minha estadia pela busca de cordéis.

Quero agradecer a Tizziane responsável por cuidar do acervo José Alves Sobrinho que também me acolheu carinhosamente.

A Rodrigo Filho amigo de curso no qual me fez companhia durante as buscas no acervo José Alves Sobrinho, amigo que sempre me deu dicas e toques para o trato com minhas fontes.

Ao meu amigo e camarada Dalynson Franklin que abriu as portas de sua casa em Campina Grande dando-me todo conforto e segurança para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

A dona Zefinha e a Luédna pela sempre acolhida que me deram de coração. Obrigado!

A todos os funcionários do restaurante universitário em especial a Belijane Marques Feitosa coordenadora e, Ayane de Abreu Pessoa, Francisca (Dona Nenê) e Amanda Araújo Barbosa.

A Juliana minha Psicóloga, Sueli e Grazi da assistência estudantil

A meninas da cantina: Mariana, Erivania,

A Eliana Bento, Francimário (Novo), Thiago Batista, Janete, Samuel Araújo e Maria.

A Claudia da xerox.

A seu Maurilio.

A Jucicleide Silva e seu Gilberto pelos cafezinhos de fim de tarde.

A Tia Marta, Tio Manuel e Dona Maria.

Gostaria de agradecer também a todos os funcionários do CFP em geral.

Obrigado!

RESUMO

Frei Damião de Bozzano é uma figura do catolicismo nordestino que deixou marcas profundas no cotidiano do povo sertanejo. Percorrera estados, realizou discursos, fez profecias (prédicas) e arrastou multidões por onde passava. A figura de um “Santo Nordestino”, atribuída a ele pelo povo, fez com que discursos e falas fossem agenciadas sobre suas ações missionárias. Deste agenciamento de falas o que mais se destaca é o do Cordel. Nesta forma de literatura popular podem ser observados a produção de discursos religiosos e moralistas referentes a falas populares e ditos circunstanciais de acontecimentos passados ou presentes, e que trazem em seu bojo, práticas relativas ao “dito e o não dito” sobre Frei Damião. O objetivo deste estudo é analisar na perspectiva da História Cultural as narrativas cordelísticas que tem acentuada ênfase nas passagens e sermões de Frei Damião, em suas andanças pelos estados nordestinos. Desta forma buscamos compreender como estes elementos narrativos já citados aparecem na literatura de cordel e mais ainda, como contribuem para a construção e propagação discursiva sobre o Frei.

Palavras-Chave: Frei Damião, religiosidade, literatura de cordel.

ABSTRACT

Frei Damião de Bozzano is a figure of the Northeastern Catholicism that left deep marks in the daily life of the sertanejo people. He had traveled through states, delivered speeches, made prophecies, and dragged crowds wherever he went. The figure of a "Saint Northeast", attributed to him by the people, caused speeches and speeches to be organized about his missionary actions. Of this agency of speeches what most stands out is the one of Cordel. In this form of popular literature can be observed the production of religious and moralistic discourses referring to popular speeches and circumstantial sayings of past or present events, and that bring in their bulge practices related to the "said and unsaid" about Frei Damião. The objective of this study is to analyze from the perspective of Cultural History the cordelísticas narratives that have accentuated emphasis in the passages and sermons of Frei Damião, in his wanderings by the northeastern states. In this way we seek to understand how these narrative elements already mentioned appear in cordel literature and even more, as they contribute to the construction and discursive propagation on the Frei.

Key words: Frei Damião, religiosidade, cordel literature.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: História do protestante que atirou a barba de Frei Damião (BERNARDO, s/d)	71
Imagem 2: Exemplo da crente que profanou de Frei Damião (FERNADES, 1947)	72
Imagem 3: Um aviso de FREI DAMIÃO e os Mistérios das 3 Pedras de Carvão (SEVERINO, s/d)	73
Imagem 4: Os sinais do Fim do Mundo e as 3. Pedras de Carvão (LEITE, 1980)	74
Imagem 5: O encontro de Frei Damião com Padre Cicero no Céu (LIMA, 2007)	75
Imagem 6: “O Rapaz Que Virou Bode Porque Profanou de Frei Damião” (LEITE, 1950)	76
Imagem 7: História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato as Missões de Frei de Damião (SENA, 1975)	77
Imagem 8: Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Porquê (BATISTA, 1975)	78
Imagem 9: O terrível castigo para os ladrões que foram roubar Frei Damião (SANTOS, s/d)	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	13
CAPÍTULO I	17
1-A VOZ DO CORDEL: NARRATIVAS SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO DITO “SANTO”	17
1.1. Correndo em missão e garimpando os acervos na Paraíba.....	18
1.2. Cordel como fonte para o historiador da cultura popular.....	20
CAPITULO II	25
2-AS MISSÕES DE FREI DAMIÃO FRENTE À IGREJA ROMANIZADA	25
2.1. A questão do bispo do Crato em face das missões de Frei Damião.	30
2.2. Avisos, castigos e profecias: Frei Damião de Bozzano no cordel do acervo Átila Almeida.	39
CAPÍTULO III	64
3-QUANDO AS CAPAS TAMBÉM FALAM: ANALISADO AS CAPAS DE CORDEL SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO	64
3.1. Produção e consumo da imagem do cordel.	67
3.2. Dialogando com as capas: a percepção do cordel como objeto da produção cultural imagética.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	81
FONTES:	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	84

INTRODUÇÃO:

“Me mostrem um padre que
faz igual a Frei Damião
se mistura com a pobreza
no meio da multidão
andando nas brenhas secas
do mais profundo sertão?!
Abraão Batista (poeta popular)¹

Os versos acima encontrados nas primeiras páginas do livro intitulado “Frei Damião o andarilho de Deus” de Wilson Braga (2002), do poeta popular Abraão Batista fez com que me lembrasse do meu primeiro encontro com Frei Damião. Surgido em minha vida a partir de produtos, imagens, e discursos presentes no meu lugar social como o café Frei Damião: este último encontrado facilmente nos mercadinhos e bodegas do bairro Vida Nova em Pombal.

O aroma vindo do quente e forte café no momento de seu coamento começava a marcar meu olfato. O cheiro forte vindo das embalagens guardadas na primeira gaveta do armário da cozinha, postos em uma linha cronológica do mais recente comprado dentro do mês ao mais antigo por minha mãe, facilitaria na hora de sua troca por bacias de plástico, copos, pratos, conjunto de colher, travessas de vidro, pano de prato, e eletrodomésticos de utilidade para ela, dona de casa, e tantas outras donas de casa para assim desenvolverem suas tarefas na cozinha no qual as incentivava a consumir apenas essa marca, que por sinal era a marca do “Santo”.

A expectativa da vinda da D20, (caminhonete vermelha), de cabine única e carroceria coberta por uma lona de plástico preta, com os produtos dos mais variados causava alvoroço entre as donas de casa, que na minha rua se aglomeravam aos gritos na parte traseira do veículo na tentativa de visualizar qual bandeja, prato ou conjunto de copos conseguiriam levar. Mesmo neste momento de alvoroço a estética dos produtos eram avaliados, sua marca, possível durabilidade, por todas aquelas senhoras donas de casa que procuravam usar e usufruir destes utensílios para decorar seus lares e demonstrar para os demais que foram fruto da ajuntada dos sacos de café do “Santo” Frei Damião.

¹ Ver: BRAGA, Wilson. O andarilho de Deus. Ed., Gráfica Santa Marta: João Pessoa, 2002.

O procedimento de troca das embalagens por produtos me fascinava, era curioso observar a quantidade de mulheres e crianças que se tinha envolta dos coletores de embalagens, cada uma ali queria o mais rápido possível mostrar sua cota de embalagens acumuladas durante o ano para ter direito a um ou vários dos utensílios, preservados envolto com papel jornal na parte traseira da carroceria. Para se levar uma panela era preciso um número x de pacotes de café Frei Damião. As condições das embalagens eram outro critério cobrado pelo coletor que não aceitavam pacotes de café danificados.

Frei Damião ainda não deixava de me causar curiosidade, era assustador e curioso ao mesmo tempo se deparar com ele olhando para mim já que estava personificado no quadro da minha sala no papel de protetor. O fato de entender o porquê da troca de embalagens até era bem visível para mim enquanto criança, mas não entendia por qual motivo aquele velho de barba, cabelo branco e roupas marrom sem nenhum detalhe a não ser o da cruz em sua mão esquerda fazia ali na parede.

Quando questionava a minha avó devota fervorosa dos santos da Igreja Católica Apostólica Romana e de fé imbatível, ela me explicava que o velhinho corcunda de feições cansadas era o santo protetor de meu pai, Damião Gomes Rufino. A curiosidade de saber mais sobre aquele velhinho simpático que me vigiava e puniria minhas traquinagens me levam a desafiá-lo. Era comum mostrar meu dedo do meio ao “santo”, chamá-lo de feio, atentar contra sua vida enquanto quadro já que tirava o quadro e ameaçava a atirá-lo contra o chão, dar a língua, soltar um palavrão e temer o seu castigo, logo em seguida. Desafiar os poderes do santo era a minha inquietação.

Era comum temer Frei Damião, mas de onde vinha esse temor? Os sentimentos que me propiciava a temê-lo eram por mim encontrados durante as rodas de conversa promovidas no terraço do sítio de meus avós, entre os senhores e senhores mais velhos, amigos da família que contavam as histórias que escutaram ao longo de suas vidas sobre as profecias e castigos lançados pelo Frei, discursos no qual diziam que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário padroeira de minha cidade, prédio localizado no centro viria a se tornar-se a cama de uma baleia quando o açude de Coremas-Mãe D`agua (Manancial Estevam Marinho) viesse a estourar no inverno para lavar o sangue derramado, dito pelo Frei em meio aos seus sermões de condenação das prostitutas e dos adúlteros ao fogo do inferno, além de tantas outras histórias de prédicas e castigos profetizados pelo capuchinho.

No mesmo sentido, o Frei dizia que o homem que não fosse à igreja ou que fosse protestante iria ao inferno. Histórias essas contadas durante o anoitecer, antes da novela das oito, faziam meu imaginário florescer, eram tantas prédicas sobre Frei Damião que minha

curiosidade sobre ele nunca deixava de crescer. Esse “Santo nordestino”, escolhido pelo povo sempre esteve no meu lugar social, na minha casa, na minha comunidade, na minha família sendo sempre mencionado pelos mais religiosos e os mais velhos, inspirados na devoção que tinham pelo Frei.

Esse contexto me faz refletir sobre a problemática deste estudo que pretendo desenvolver nas páginas seguintes e a motivação acadêmica inicia em observar a necessidade de desenvolver pesquisas sobre Frei Damião dentro da literatura de cordel. E que no desenrolar da pesquisa das fontes observei uma produção ainda acanhada e não regular no meio científico sobre o tema do ponto de vista historiográfico. Isso me instigou a buscar fontes para poder analisar por meio de documentos e bibliografia a historicidade que se manifesta nos cordéis que tratam de Frei Damião.

Associado a isso, busquei compreender teoricamente meu lugar de historiador dialogando com a história cultural enquanto corrente historiográfica que me possibilitou analisar o cordel como uma produção carregada de intencionalidades, sua representação imagética e as narrativas criadas e recriadas sobre o objeto de estudo. Os conceitos de imagem, catolicismo popular, processo editorial e cultura popular me levaram a empreender reflexões ao longo da pesquisa que desenvolvi sobre Frei Damião, para assim compor a proposta de estudo a qual me propus nestas páginas.

Metodologicamente, busquei desenvolver uma pesquisa temática inicialmente para poder conhecer os meandros do tema e adquirir conteúdo que me possibilitasse discutir conceitos a partir das leituras programadas acerca da temática. Junto a isso, busquei cordéis em acervos como o José Alves Sobrinho e Átila Almeida na cidade de Campina Grande (2015-2016) abrigados nas universidades Federais (UFCG e UEPB). Estes materiais me proporcionaram elaborar uma análise consistente de fontes primárias para compor o texto que me propus realizar, onde para além da utilização do próprio texto cordelístico, desenvolvi uma leitura sistematizada e selecionadas das capas de cordel como recurso novo no estudo do cordel já realizado por alguns pesquisadores da área.

Objetivamente, a pesquisa teve como norte a análise dos cordéis com vistas a compreender como as narrativas textual e visual do cordel tratam da figura de Frei Damião de Bozzano. Iniciando por compreender os conceitos básicos de história cultural e cultura popular, os discursos sobre o missionário no texto poético e a produção imagética que apresentava o mesmo dentro de um processo de editoração das capas do cordel.

No primeiro capítulo desse trabalho objetivamos por apresentar o trajeto por mim percorrido ao longo dessa pesquisa, a minha saída a campo para buscar cordéis em acervos do

estado da Paraíba como o Átila Almeida e o José Alves Sobrinho. Partindo de considerações que me permitiram utilizar o cordel enquanto fonte histórica.

Já no segundo capítulo apresento o objeto da minha pesquisa Frei Damião de Bozzano dentro do contexto social, cultural e religioso do Nordeste do século XX, para logo após iniciar a análise de um conjunto de dez folhetos encontrados no Acervo Átila Almeida.

No terceiro e último capítulo busco apresentar como se dá o processo editorial de folhetos assim como o uso e consumo de iconografias nesses, para logo em seguida analisarmos um conjunto de nove imagens de Frei Damião ou mesmo acerca dele nas capas do cordel.

Portanto, esse trabalho tentará apresenta uma leitura a partir do cordel e de suas capas sobre Frei Damião de Bozzano com enfoque nas narrativas poéticas e imagéticas da literatura popular do cordel.

CAPÍTULO I

1-A VOZ DO CORDEL: NARRATIVAS SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO DITO “SANTO”.

O historiador interroga a si mesmo na tentativa de que seu pensamento, reflexões e recortes, nascidos daquilo que ele teve que selecionar para construir uma narrativa. Esta narrativa está permeada de escolhas que o mesmo precisa fazer para dar conta de discursões que lhe são apresentadas pelos autores, com os quais entre em contato durante suas leituras. A leitura que realiza é um dos passos mais importantes de seu conhecimento e é preciso lidar com ela de forma a arregimentar argumentos para que sua proposta científica seja de fundamental necessidade no contexto da prática histórica.

Partindo de um lugar social como nos diz (CERTEAU, 1982, p.55), o historiador é um cientista que busca dialogar com aquilo que lhe é mais íntimo do ponto de vista das escolhas teórica, de suas paixões, preferências autorais e até de seus preconceitos como é de se entender quando lemos determinados escritos da História.

Porém, isso serve para a formação de uma identidade do autor. Da formação de sua obra que precisa ser direcionada para algum lugar e ter uma especificidade que a torne uma ideia discutível diante de seus pares e do lugar científico ao qual possa pertencer.

Essas considerações me direcionam para pensar a proposta que desenvolvo sobre Frei Damião e as imagens discursivas que a ele são atribuídas na literatura popular do cordel, onde muito é dito e escrito sobre essa figura missionária dos sertões nordestinos que o modelam como sendo um santo de avisos sobre maldições e pecados, de um homem moralista com pauta firme nos discursos que proferia sobre inferno, pecado e outros desvios do homem sertanejo.

A relevância em pensar e escrever sobre Frei Damião vem das histórias que ouvia meus avós contar como já apregoei anteriormente, que meus pais falavam e pela devoção que meu pai tem a ele, respeitando-o como homem de vida santa e exemplo de bondade, o que resvala em meus pensamentos e procedimentos de pesquisa acadêmica quando da construção dos textos necessários para meu trabalho.

As falas que escuto e leio sobre Frei Damião são em grande medida uma recorrência nos livretos de cordéis da literatura popular onde os feitores de cordel – cordelistas – dão traços e grafia às “odisseias” contadas pelo povo e mesmo ouvidas diretamente por eles quando dos discursos e imagens faladas sobre o Frei.

Diante do exposto objetivamos discutir como o cordel trata da figura de Frei Damião e das imagens que são construídas para o mesmo por meio dos discursos imagéticos dos cordelistas. Compreendendo a lógica discursiva da construção poética e religiosa do mesmo.

1.1. Correndo em missão e garimpando os acervos na Paraíba.

Os tabus me derrubaram e as curiosidades me cercavam enquanto pesquisador em formação, durante as aulas de Projeto de Pesquisa I momento onde observávamos atentamente discursões sobre os afazeres do historiador, alguns daqueles alunos começavam a percorrer nos caminhos de suas pesquisas por definitivo, outros iniciariam e por problemas observariam que não vingariam, sendo o meu caso.

Fascinado por uma história da sexualidade pelo estudo sobre os desejos da mente humana, pretendia desenvolver um trabalho nesse viés a partir do sex-shop, loja de produtos eróticos, que ganhou espaço no final do século XX para início do século XXI.

Após muitas discursões e amadurecimento comecei a observar que curiosidade não me renderiam frutos nesse momento, assim chegando a disciplina de Projeto de Pesquisa II, depois de observar as dificuldades que existiriam na coleta de fontes horais devido aos tabus existentes que envolvem está discursão. Mudo então, da água para o vinho, e saio do estudo do que foi rotulado quando se fala em sexo o “pecado mundano” e parto para estudar Frei Pio Giannotti, Frei Damião de Bozzano no Cordel.

Recordei-me neste momento do contato com a literatura de cordel no sétimo ano do ensino fundamental, onde me insiro não na condição de leitor assíduo mais de um adolescente ouvinte que sentia e observava a magia entorno daqueles livrinhos.

Como aluno de graduação de humanas recém-chegado a universidade, e cursando Pré-História ministrado pela Dra. Rosilene Melo, que mais tarde seria minha professora de Projeto de pesquisa III e IV, que desenvolve estudo de pesquisa com a literatura popular de cordel e que passa falar de seu trabalho e experiências durante as interessantes conversas na sala de aula.

Observar aquela mulher de fala pausada, cabelos escuros, pele branca, olhos puxadinhos de fala pausada descrever o seu trabalho enquanto historiadora da cultura popular era alucinante. Fizera com que se desmontasse a minha primeira ideia de pesquisar sobre história da sexualidade, impulsionando meu interesse definitivamente para as leituras sobre Frei Damião interesses apresentados a orientadora na qual com carinho de mãe me ajuda dar os primeiros passos dessa maravilhosa e árdua caminhada, e iniciando o processo de construção desse trabalho.

O encantamento com o mundo do cordel me possibilitou pensar na utilização desses como fonte para minha pesquisa, quando busco analisar cordéis referentes a Frei Damião dentro de um recorte temporal com o poder de divulgação que esses possuem. Pesquisar significa ter antes de tudo disciplina leitura, fontes, motivação. Vontade eu tinha, porém motivação pouca.

Em busca de garimpar os acervos de cordel da Paraíba começa no primeiro agendamento para minha visita ao acervo Atila Almeida localizado na biblioteca central da Universidade Estadual de Campina Grande Campus de Bodocongó durante uma semana, tive acesso mais de 40 títulos de folhetos dos quais foram fotografados por mim um a um usando um celular galaxy prime, onde assim que fotografados eram organizados e armazenados.

Os folhetos que se encontram no Átila Almeida, estão em boas condições de preservação, o cervo oferece material como luvas para o manuseio, possui uma equipe de funcionários que trabalham na restauração dos mais danificados com o tempo e cuidam da digitalização dos documentos desse acervo. Minha experiência nesse acervo apesar de sua organização fora um pouco frustrante, o fato dos servidores terceirizados estarem em greve me inviabilizo conseguir acesso a mais títulos de cordéis já que o acervo contava apenas com a bibliotecária para atender o público normalmente estando essa apenas disponível de sete da manhã até 11: 59 permitindo minha presença e dos demais visitantes.

Ver digitalizado 40 títulos de uma catalogação de mais de 60 títulos levados por mim encontrados no site da própria biblioteca Átila Almeida fizeram-me pular de alegria e respirar aliviado. Não era fácil estar ali, nem muito menos o meu deslocamento até aquele acervo, o medo de estar em uma cidade desconhecida, pegar dois ônibus em horários sempre de pico, era aventureiro e ao mesmo tempo perigoso em meu consciente. O medo de me perder, o caminhar apressado para não perder o coletivo, o olhar atento para o relógio no qual me fazia a ponderar-se de todas as horas, minutos e segundos às vezes me fazia surtar, estremecer me agoniar.

Mas o acervo estava ali parado para quem quisesse apreciá-lo, segui enfrente sem parar ou perder uma manhã se quer. Precisando até usar mais um dia extra para conseguir fotografar 15 cordéis que foram encontrados pela bibliotecária. Em outra oportunidade em viagem de duração de uma semana também, busquei por cordéis referentes à Frei Damião no acervo José Alves Sobrinho situado no prédio de letras na Universidade Federal de Campina Grande, que apesar de estar em um local apropriado diferente de como os encontrei na primeira vez que os vi em outra oportunidade onde o acervo estava em uma parte superior do andar térreo de um bloco de aulas. Dentro de caixas o cordel de vários títulos encontra-se em saquinhos plásticos alguns em estado de conservação muito danificado precisando de urgentes reparos, não respeitam letra alfabética, título ou qualquer tipo de marcação que facilite sua organização.

As impressões que obtive ao permanecer pesquisando no Átila Almeida e no José Alves sobrinho é que os dois são de fácil acesso para a sociedade paraibana e a comunidade acadêmica, mas vejo que os o acervo Átila sendo mais aparado pelas regras que possibilitam cuidar e manter todas as obras de que possui, lembro-me do termo de compromisso que assinei onde especificava a que fins eu utilizava os cordéis, o esquema de segurança que se tem dentro do prédio e na parte do acervo Átila Almeida, quanto ao uso de um circuito de câmeras internas que não permitem o furto de obras dessa biblioteca. Não me recordo de assinar nem um termo ou de organização de qual for à espécie cervo José Alves Sobrinho, sendo até fácil a retirada de folhetos. Apesar de que os folhetos de cordel do José Alves Sobrinho não permanecem sós, pois tem uma funcionária responsável por estes.

Pesquisar nestes dois acervos posso dizer que foi de extrema necessidade, hoje conto com a bagatela de 84 Cordéis sobre Frei Damião como “*Proibição do bispo do Crato contra Frei Damião e o porquê*” “*O Rapaz Que Virou Bode Porque Profanou de Frei Damião*” “*O encontro de Frei Damião com Padre Cicero no Céu*” “*O jumento que virou gente ou O milagre do Frei Damião*” “*Conselhos e Profecias do Sto. Frei Damião*” de variados cordelistas. Existem outros acervos de literatura de cordel na Paraíba onde também é possível se localizar os folhetos referentes ao o objeto dessa pesquisa como Casa Fundação José Américo, o acervo do centro cultural do Banco do Nordeste na cidade de Sousa entre outros que também jugo essencial serem visitados.

As dificuldades em trabalhar com esse tipo de fonte estão na identificação do ano de publicação dos folhetos, do número de cordéis encontrados no Átila por exemplo apenas oito possuem data de sua publicação que datam de 1973-76.

Todavia no percurso posterior da pesquisa foi possível identificar as datas dos cordéis o que possibilitou o recorte temporal do nosso trabalho.

1.2. Cordel como fonte para o historiador da cultura popular.

O range-range onomatopaico das velhas máquinas impressoras, chamadas de “quebra-pedras”, exerce um fascínio ainda maior em tempos de tecnologias de ponta (MELO, 2010, p. 13).

O cordel é produto de mãos e máquinas, impresso em papel que reflete as realidades de lugares e pessoas. O fragmento em MELO (2010) refere-se ao momento de feitura do folheto

de cordel, do seu “fabrico artesanal”, modelado com tinta e ferro para dar voz e vida a quem o escreveu. De tal maneira passa a reverberar os discursos dos homens pobres e pouco letrados que em primeiro momento terão suas vozes reproduzidas nos folhetos por poetas como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athyde e Francisco das Chagas Batista que passam a produzir e reproduzir as histórias da oralidade popular que permeava o cotidiano do Nordeste brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX (TERRA, 1983, p. 17).

A poesia ou a cultura popular do cordel circula por todo o Nordeste e também pelo país como a produção de uma literatura do “povo”, do homem que vê nos versos: a alegria, a denúncia, a bravura dos “heróis do passado”, mas também a poesia da alma com seus lamentos e sua fé. Essa poesia popular está a todo o momento criando e reelaborando imagens e discursos sobre tudo aquilo que seja possível de ver e ser escrito. É uma forma de literatura filha da oralidade rural, que expressa antes de tudo sentimento múltiplos.

Segundo (BARROS, 2008, p.55) A história Cultural, sendo um campo historiográfico que é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento, por vezes antagônicas me possibilita o estudo da cultura popular, cultura letrada, as representações, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos e a mediação cultural através de intelectuais e intelectualizados.

De tal maneira, o cordel se insere nesta perspectiva da História Cultural e da cultura popular como uma representação das práticas discursivas e elaborada como modo de propagação de imagens. A cerca disso diz MELO que,

“As estratégias socialmente construídas para comunicação das narrativas em verso não envolvem apenas a atividade intelectual e a imaginação dos leitores-ouvintes. Nestes momentos de deleite coletivo, os enredos ganham materialidade através dos corpos dos narradores quando a vocalidade e a gestualidade são imprescindíveis como elementos destes espetáculos improvisados nas feiras e mercados populares” (2003, p. 60).

Neste sentido, as narrativas que dão conta de elaborar ou mesmo criar imagens sobre Frei Damião, que são dotadas de um corpus estético e sonoro que cativa o leitor e faz com que este passe a enxergar a figura do missionário como a de uma “criatura santa”, envolta do simbolismo que lhe é atribuído pela narrativa popular.

Frei Damião de automóvel ou mesmo a pé, o missionário vai onde o povo está. Reza, confessa, faz a missão ser não só evento, mas momento de encontro com Deus; de encontro com “as coisas do céu”, o discurso escatológico que prega o castigo para os infiéis em consequência do pecado, e por outro lado o céu (paraíso eterno), para os “mansos e fiéis” a

Deus e a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, davam o tom das prédicas de Frei Damião de Bozzano nos lugares por onde passava. A isto se associava a fé do povo que via no missionário um homem “santo” de vigor espiritual quase que inabalável. Este homem que orava aos céus para que o povo vivesse na fé e na riqueza do espírito, mas que condenava aqueles que disso duvidavam.

A cerca disso, fala SOUSA (2010),

(...) que não era apenas pela humildade, pela doçura e pelo grande poder de oratória que frei Damião atraía seus fiéis. Na Verdade, sua importância e popularidade foram construídas através de uma pregação na qual os pecados, o fim último, o destino das almas viraram matéria de uma pedagogia que espalha medo e terror: Deus e Diabo, Paraíso e Inferno, salvação e pecado, elementos preferenciais de suas pregações, compõem um quadro de referências já presentes no imaginário social. Assim, sua pregação reforça as representações e relações dos fiéis com o Além e com o sagrado (p. 190).

Desta forma a narrativa cordelística adquire um poder de criação de imagens que podem ser vistas por meio das interfaces do discurso. Reverbera na consciência de quem ouve o cordel e capta as cenas ditas nos versos dos folhetos, e estas vão ganhando um status de realidade incrível, quase que palpável para quem a recebe. As histórias sobre Frei Damião tinham nesse contexto um peso muito maior, tanto pelo seu conteúdo como pela forma com que a narrativa podia construir imagens que perpassava os espaços geográficos chegando aos locais mais diversos.

O cordel dessa maneira é um veículo de propagação de discursos imagéticos. De falas que elaboram horizontes de visibilidade sobre um dado assunto em particular ou mesmo um conjunto de pequenas narrativas. De maneira que a fala em torno de Frei Damião tem um peso no universo da narratividade escatológica que demonstra toda a força do discurso cordelístico sobre seus ouvintes e leitores para criar as imagens necessárias ao convencimento da fé.

Isso se configura como o emblema ou a marca das crenças populares que o cordel ajudou a construir sobre Frei Damião e suas prédicas (discursos sobre inferno, morte, céu e paraíso), na medida em que as tessituras da narratividade se entrelaçam para dar voz aos ditos sobre sua figura. De maneira que,

“Irão para (ou já estão) esse Inferno almas que infringiram o regulamento do bom cristão ou, nas palavras de Frei Damião, almas de pessoas que empregam grande parte da vida em fazer o mal (os criminosos e os desonestos), em cometer pecados sinistros (os adúlteros, as prostitutas e os homossexuais); e outra grande parte, em nada fazer, em conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos. O inferno, lugar desses pecadores, é comparado

ao calor da seca nordestina (bilhões de vezes pior). Essa Representação do inferno, traduzida para a linguagem e vivência dos seus fiéis, era prontamente compreendida e temida” (Idem, 2010, p. 194).

É assim que a literatura popular com a força de propagação, “invenção” e recriação de discursos vai tecendo sua teia de imagens que se aplicam no cordel como meio divulgador destas imagens para erigir “altares” de bondade para os “santos” e “escavar” covas profundas para aqueles que fugiam ao caminho da fé e da luz divina, como marco regulador de uma vida sã (pura).

Mais ainda, a missão (ou santas Missões) de Frei Damião foram além das fronteiras geográficas estabelecidas pelas circunscrições das paróquias e capelas. Fronteiras que não se limitavam aos marcos também natural dos estados nordestinos (rios, serras e outros), pois na realidade não havia fronteiras.

Sobre isso diz SOUSA (2010) que,

“Frei Damião teve uma inserção significativa no Nordeste, a partir da década de 1930. Conduziu uma ação missionária pautada no cuidado com a salvação das almas, a luta contra o pecado mundano, falando da relação entre Terra e Além, Céu e Inferno. Como vimos, os contos populares e os folhetos também se encarregavam de espalhar histórias sobre essa mesma matéria, através de narrativas ricas de representações do Céu, do Inferno, pactos com o Diabo, histórias de sonhos, aparições, e proteção de almas, de santos e de Nossa Senhora, articulando pecados e pecadores” (p. 168).

O texto acima diz respeito às ações desempenhadas por Frei Damião dentro de sua “missão popular”. Desta maneira podemos refletir sobre os caminhos percorridos pelo capuchinho, as imagens construídas no decorrer dessa trajetória que contribui para a construção da maioria dos discursos imagéticos sobre o mesmo. A missão tinha como pauta principal levar a palavra de Deus aos fiéis e advertir a aqueles que não estavam andando no caminho certo.

Em meio às missões Frei Damião ia se popularizando como “Santo do Nordeste”. Sua figura cada vez mais exaltada como podemos perceber nos trechos do folheto abaixo:

O projeto de Jesus
Feito aqui para o sertão
De chamar os nordestinos
Para o amor e conversão,
A concórdia e a caridade,
A fé e a confissão.

O respeito ao casamento,
A reza e a devoção,

O amor ao batismo
Que é um dever do cristão.
Foi para isso que veio
O homem frei Damião

(MENDONÇA,1998, p. 2).

De tal forma que,

Estes versos confirmam a popularidade de frei Damião e a presença de suas prédicas no imaginário coletivo dos nordestinos e dos paraibanos. Como atesta o poeta, qualquer nordestino lembra-se de suas realizações. É impossível esquecer seus conselhos sobre o respeito ao sacramento do casamento, a luta contra o adultério e em favor da conversão. Ou seja, os sentidos de suas pregações como combate dos pecados evidentes nos meios sociais (idem, *Ibidem*, p. 222-223).

Sendo assim, a narrativa cordelística vem justificar e dar ênfase a popularidade de Frei Damião, onde suas prédicas e sermões ficaram registrados no imaginário individual e coletivo do povo nordestino, dando ao mesmo o privilégio de ser “adorado” como “santo do povo” e da região. Frei Damião eleva-se para o altar do discurso como sendo uma figura de retidão, desprendimento das coisas materiais e exemplo de vida e de fé para todos os que o viram ou ouviram contar sobre suas histórias.

CAPITULO II

2-AS MISSÕES DE FREI DAMIÃO FRENTE À IGREJA ROMANIZADA

Frei Damião de Bozano chegou ao Brasil em 1931 vindo da Itália. Isso na condição de Missionário capuchinho para disseminar as missões em meio à tradição do catolicismo popular do Nordeste e aos sertanejos, que careciam de liderança espiritual pela própria característica do lugar. Seu nome foi aos poucos sendo embebido pelas crenças do povo nordestino que ao longo de todo o século XX criaram em torno dele a imagem do “Santo das missões”.

O missionário capuchinho tem sua popularidade construída a partir de sistemáticas visitas feitas aos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. Essas visitas faziam parte das estratégias para o fortalecimento do “Apostolado das Missões Religiosas da Igreja Católica iniciadas durante as primeiras décadas do século XX no Brasil e na Paraíba (VIEIRA, 2010, p. 172). Diante disso, podemos perceber que Frei Damião começa a ganhar notoriedade no meio dos sertanejos, povo de muita fé e muito lamento, possuidor de um imaginário ligado as crenças populares, tais quais purgatório, figura do diabo, feitiços, mal agouros, mal olhado e tantas outras superstições que permeiam o imaginário rural e urbano do povo nordestino.

A presença do frade capuchinho pode se justificar em meio a divulgação do documento de 1908 que regulamenta as missões no estado da Paraíba onde se diz que “as missões devem fazer parte de um plano de ação permanente das Paróquias e, como tal, devem adquirir status de acontecimentos de grande importância para a comunidade e para as autoridades religiosas” (idem, 2010, p. 172). Assim era de real relevância que as paróquias nordestinas marcassem em seus calendários de eventos os momentos dedicados as missões, onde não mediriam esforços para sua realização, sempre organizadas com meses de antecedência pela comunidade paroquial em consonância com pessoas da sociedade local.

Sobre este assunto a historiadora Silvana Vieira (2010), expõe ainda que “As iniciativas do Apostolado das Missões Religiosas no contexto das primeiras décadas do século XX são, portanto, estratégias de construção de novos modos de ação para a igreja e para o catolicismo brasileiro em tempos republicanos” (Idem, ibidem). A presença de Frei Damião é fruto do processo de romanização da igreja católica que adota o uso de religiosos estrangeiros no combate as dificuldades doutrinárias, os religiosos eram iniciados em regiões e localidades que se fazia a falta de representantes da instituição.

Esta romanização parte de um contexto sócio religioso cujo aprofundamento se dará de forma intensificada no contexto do Concílio Vaticano II (1962-1965), um movimento conciliar de reforma da Igreja Católica Romana empreendido pelo Papa João XXIII que culmina com diversas transformações no seio da instituição e nas práticas dos seus clérigos.

Todavia, a presença de religiosos capuchinhos no Brasil data desde o século XVII, participando ativamente da Igreja católica. A presença desses se configurava tanto no meio religioso quanto na vida social dos colonos portugueses e ao longo de outros séculos afora, foram se intensificando e irradiando pelos mais longínquos lugares do Brasil, principalmente no nordeste do país.

Segundo Brandão e Silva (2015), o sociólogo Gilberto Freyre expõe que nossa religiosidade entre os séculos XVI e XIX período colonial, era marcada por “muita reza e pouco padre” não havendo um clero presente. A assistência religiosa era feita por um clero secular composto por religiosos enviados para evangelização e alfabetização, tudo em nome da consolidação da ordem portuguesa. Essa religiosidade colonial além de ser disseminada por esses religiosos vindos de fora, foi também vivenciada por agentes religiosos locais, como beatos e fieis propagadores do culto a vários santos presentes até hoje no catolicismo popular brasileiro.

Frei Damião é o quarto nome de uma lista de conselheiros consagrados pelo povo nordestino, numa linha que conta com a presença de ilustres protetores dos sertões como Padre Ibiapina, Beato Antônio conselheiro, Padre Cicero Romão cada qual na sua época perpetuando-se no cenário social e de devoção do povo do Nordeste a partir de suas ações.

O Catolicismo Popular tem como muitas de suas características o culto aos santos, divindades dotadas de poderes sobrenaturais que podem influenciar o fluir do dia-a-dia de nossas vidas e que também abre espaço para a existências de homens sábios, um conceito que nos leva a observar a cultura religiosa do homem nordestino que segundo João Everton da Cruz,

[...] manifesta-se por atos concretos ligados ao cotidiano, como rezar para pedir chuva, benzer uma pessoa doente; junto a isso se destaca o culto aos santos, buscando uma resposta positiva para os seus problemas e reinterpretando as doutrinas do catolicismo oficial (CRUZ, 2010, p. 18)

Assim, o Catolicismo Popular se diferencia do Catolicismo Romanizado, do qual o segundo se fazia necessário no nordeste da década de 1930, e o primeiro era o existente entre o povo nordestino, marcado por crenças, superstições, práticas cotidianas de rezas e ladainhas que evocavam o poder de Deus, dos santos e dos milagreiros em benefício do povo sofrido da

região, cuja conceituação mais fundamentada se dá pela análise de Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira (1985), discutido por CRUZ (2010),

Concretamente, chamamos provisoriamente “Catolicismo Popular” as representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal. Os santos são as representações fundamentais do Catolicismo Popular. Concebidos como pessoais e espirituais dotados de poderes sobrenaturais, eles são tidos como capazes de exercer influência sobre o curso da vida e da natureza. A noção popular é muito mais abrangente de que a dos santos canonizados, pois ela compreende também os diversos títulos devocionais de Jesus e de Maria, as almas de defuntos e figuras mais ou menos lendárias. Cada um desses seres espirituais pode conceder graças e proteção celestiais a quem lhes dedica culto ou invoca sua proteção. Assim, o Catolicismo Popular conhece uma multidão de santos, desde aqueles oficialmente reconhecidos pelo magistério eclesiástico até santos locais cujo culto não dura mais do que duas ou três gerações (CRUZ, 2010, p. 25 *apud* OLIVEIRA, 1985, p. 113-114).

Uma das expressões desse catolicismo do povo é o catolicismo popular sertanejo do qual consideramos muito importante citarmos como aporte explicativo para nossa compreensão sobre aceitação do povo a presença de Frei Damião. No Catolicismo Popular sertanejo tem como tradição a necessidade de se haver a figura de um conselheiro, homem sábio que domina todos os mistérios e segredos, e que nos sertões tem lugar de grande relevo para guiar e livrar o nordestino de seus martírios. Assim segundo João Everton da Cruz,

O Catolicismo Popular sertanejo é uma forma nordestina do Catolicismo Popular, que é tipicamente do sertão e tem como núcleo a figura do conselheiro. O Catolicismo Popular sertanejo é profundamente marcado pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos com suas cantorias e rezas populares; além do medo do diabo e do hábito de rezarem o terço e o ofício. Nesse catolicismo as manifestações dos ritos religiosos renovam, mudam. Mesmo assim, não significa que os adeptos do Catolicismo Popular sertanejo não necessitam mais da intermediação do catolicismo romano, como por exemplo, os sacramentos. O ritual do Catolicismo Popular sertanejo seguiu uma matriz de um catolicismo familiar. Esse foi o catolicismo difundido no sertão do Nordeste brasileiro pelos missionários através das santas Missões, sobretudo pelos capuchinhos (CRUZ, 2010, p. 19).

Essa informação leva-nos a perceber que a presença de uma tradição de costumes religiosos propícia para a existência e presença de beatos e beatas, de profetas e santos perpassados por um catolicismo de tradição familiar que perpassa os ensinamentos de pai para filho com práticas de adaptação e ressignificação de saberes, foi palco para que Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero, sejam considerados como as “três figuras religiosas nordestinas que por assim dizer caracterizam a religião do sertão na segunda parte do século XIX e primeira do século XX.” (CRUZ, 2010, p. 20 *apud* HOORNAERT, 1997, p. 95).

Esses homens foram os primeiros conselheiros do povo, foram assim como Frei Damião erigidos pelo povo para serem guias espirituais do sertanejo que se via abandonado pelas autoridades locais. Seus dizeres e fazeres eram dentro das tradições de culto do homem do sertanejo, nuvens de conforto no momento de precisão, dor, aflição, desassossego, inquietude, necessidade e sofrimento que se abatia sobre o pobre e sofrido homem do Sertão.

No Brasil Pio Giannot passa a ser chamado de Frei Damião de Bozzano resultado da junção com o nome de seu lugar de origem o vilarejo de Bozzano. Desde muito cedo ainda em quanto criança o Frei já demonstrava afetos imensos pela religião. No livro de Wilson Braga, amigo pessoal de Frei Damião de Bozzano, o ex-político paraibano relata que o Frei “Em criança, permanecia longas horas em silêncio no sótão da casa rezando ou olhando a natureza e sempre conduzindo consigo uma cruz (BRAGA, 2002, p. 22).

Essa informação constada no livro de Wilson Braga se confirma mais tarde quando da leitura da biografia do Frei Damião, sua entrada para a ordem dos capuchinhos aos dezesseis anos de idade no convento de Vila Basílica e sua inserção dentro dos primeiros passos para sua formação religiosa, interrompida apenas quando convocado em 1917 para servir exército italiano durante a Segunda Guerra Mundial. Após seis anos do fim da Guerra, Frei Damião é ordenado sacerdote em Roma onde ingressa no Colégio Internacional, nessa sua nova empreitada cursara Teologia, Filosofia e Direito Canônico. Após sua passagem por esta instituição passa a ser aluno da Universidade Gregoriana para cursar Teologia Dogmática, doutorando-se mais tarde nessa área.

No final de sua mocidade com 27 anos, volta a seu convento de origem onde assumi o cargo de vice-mestre de noviços, após sua transferência para o convento de Massa ocupa os cargos de professor e diretor de jovens religiosos mostrando como sua vida fora intensa e religiosa.

A chegada de Frei Damião no Brasil no início da década de 1930 não ocorre como dito antes por acaso, sua chegada é acompanhada pela vinda do Frei Ignácio de Carrara, Frei Bento de Terrinca, Frei Felix de Olivia, inaugurando assim os trabalhos religiosos dos Capuchinhos da província de Lucca no estado de Pernambuco. O envio de sacerdotes nas primeiras décadas do século XX fora estratégia para suprir a escassez de religiosos no Brasil, cuja população era na sua maioria camponesa. O Problema de escassez de membros evangelizadores, também era sentido pelos capuchinhos, havia um número insuficiente de religiosos para dar cobertura ao grande e vasto território sobre sua atuação.

Sobre esse assunto Brandão e Silva (2015) expõem que, em 1934, ante os apelos do superior da missão, Frei Felix de Olivola, dois outros frades chegaram a Pernambuco: Frei

Teófilo de Vergoleta, Frei Cipiano de Ponteccio. Completando o quadro missionário capuchinho da missão de Pernambuco na década de 1930, outros quatro religiosos chegaram ao Convento da Penha entre 1935 e 1936: Frei Roberto de Terrinca, Frei Fidele de Tenrinca, Frei Teodoro de Bargecchia (LAZZARI, 2003, p.147 apud AGUIAR; SILVA, 2015, p. 451)

Assim havendo em certos momentos uma incapacidade de atuação dos frades capuchinhos para atender as demandas que surgiam na dinâmica da evangelização e nas assistências aos fiéis da imensa região Nordeste, Frei Teófilo de Vigoleta constitui dois grupos de atuação evangelizadora que acaba por definir a área de atuação de Frei Damião só para a vida religiosa. Segundo AGUIAR e SILVA (2015),

A fim de atingir as demandas da Região, ao chegar novos missionários, o então superior Frei Teófilo de Vigoleta constituiu dois grupos de religiosos dividindo entre eles as atividades: a Fr. Damião de Bozzano e Fr. Cipriano caberia missões na Paraíba e Rio Grande do Norte; enquanto ao Fr. Antonio e ao Fr. Vital Maria (padre que passou a fazer parte (OFM Camp) foi entregue as missões de Pernambuco e de Alagoas (AGUIAR; SILVA, 2015 p. 451).

A visita de Frei Damião a qualquer cidade ou localidade era um evento que reunia multidões de fieis, esse grande número de espectadores pode se justificar pela proximidade entre os municípios. O “Santo” estando em Cajazeiras, por exemplo, atraía fiéis dos municípios circo vizinhos como Sousa, Pombal, Patos e outras cidades do estado da Paraíba assim como dos estados vizinhos Ceará e Rio Grande do Norte. A vinda desses fiéis ao encontro das missões do Frei Damião era em sua maioria feitas a pé, montados em animais ou em caminhões. Suas visitas duravam cerca de seis dias em cada paróquia, eram tidas como grande evento social para a localidade, sendo comum a estadia de comerciantes ambulantes, visitas de políticos, inaugurações de obras etc.

Era comum cordões de isolamento serem feitos ao redor do Frei, vista o grande número de fiéis que tentavam tocá-lo, passar a mão em sua cabeça, arrancar pedaços de suas vestes acreditando que se poderia alcançar por seu intermédio bênçãos especiais. Casos de mulheres que esperavam o capuchinho terminar de se alimentar para comer os restos de comida deixados em seu prato são muito expressivas em rodas de conversas de quem guarda na memória uma visita do Frei com suas missões. “As santas Missões, simbolizaram a forma que a Igreja Católica encontrou para fazer presente entre os povos dos lugares onde a assistência religiosa era ameaçada pela falta de padres” (AGUIAR; SILVA, 2015, p. 446-447).

A fama de milagreiro pelo Nordeste é ecoada nas vozes do homem nordestino que naturalmente é religioso, que instruído por seus pais, avós, antepassados busca as respostas para

seus lamentos na fé que move montanhas. Sua devoção e superstições são as únicas explicações para os problemas por qual passa, se enfrenta uma grande seca é castigo de Deus. Costumado imprimir proteção no ramo do pé de pião empunhado pela mão da rezadeira para afastar qualquer mau olhado ou maldição, nas promessas e lamentos referidos aos santos de gesso o sertanejo tradicionalmente busca socorros.

O nordestino analfabeto aprende as orações ditas pelos pais, avós, comadres e rezadeira antigas. O nordestino só gosta de rezar diante de um santo de gesso, barro ou madeira. Usa terço, retrato de santo preferido em casa ou em pequeno formato de bolso. Acredita em fortes orações contra inimigos, a inveja mau olhado[...] (LIMA, 2005, p. 11 *apud* COSTA, 1998, p. 27).

A pratica de confessar ao pé do ouvido ensinamentos passados pelos mais antigos, as pregações de cunho moral se adequavam aos valores passados de geração para geração. Em meio a um ambiente de arbitrariedades causadas pelo mando e desmandos dos coronéis, pelo esquecimento do poder público e secas desoladoras o capuchinho prometia o reino do céu para os fiéis e o enfermo para os hereges.

Frei Damião então vem para o Brasil na tentativa de incentivar os sertanejos a viver na pratica do catolicismo oficial, na presença de atos sacramentais como batismo, casamento, comunhão e confissão, mas suas posturas e sermões fazem com que os sertanejos se apropriem dos discursos do Frei tradição do catolicismo popular e sertanejo. Levando seu nome a estirpe de conselheiro e santo. Frei Damião ao mesmo tempo que pratica a pregação da importância de um catolicismo romanizado reconhece no povo o direito a permanecerem devotos de seus protetores.

2.1. A questão do bispo do Crato em face das missões de Frei Damião.

Frei Damião em seus 66 anos de missão teve seu nome lembrado em vários títulos de cordel, alguns desses títulos foram nos chamando atenção pelas suas histórias ao longo dessa pesquisa. Um desses é o cordel do poeta Abraão Batista intitulado “*A proibição do Bispo do Crato*” (1983), que traz em seus versos a indignação dos fieis do Frei no Ceará após uma portaria baixada pelo bispo Dom Vicente Melo Matos da diocese do Crato, proibindo trinta de suas paróquias de receber Frei Damião. Em seu poema o cordelista narra a conversa que teve com o advogado do bispo sobre o caso, encarregado de explicar o porquê da decisão do líder religioso que por muitas foi considerado como sinal de inveja, perseguição e injustiça com quem realmente se preocupava com os pobres.

Eu só sei que em Juazeiro
reina uma indignação
contra as ordens do Bispo
que quer negar clarão
que ilumina a pobreza
do nosso imenso sertão

Um, na rua diz: oxente!
que medida mais sem graça!
outro grita quase em choro
querendo fazer arruaça:
não engulo tal desaforo,
isso é uma desgraça!

Com esse conhecimento
eu fui ao Crato saber
pessoalmente do bispo
para eu mesmo escrever
se a história é verdade
para eu contar e pra crer.

Mas, no Crato infelizmente
o sr. Bispo não encontrei
e com o seu advogado
ali mesmo conversei;
com Dr. Emilio Lemos
eu ouvi e anotei

(BATISTA,1983, p.1-3).

Abrão Batista então expõe que o motivo do decreto foi devido ao fanatismo, visto que o comportamento do povo quando tratava do Frei estava sendo igualmente de lunáticos e fanáticos religiosos causando preocupação e espanto ao membro superior da diocese. Essa percepção não corresponde apenas ao culto ao Frei Damião, mas também as práticas de devoção popular consideradas errôneas e ignorantes pela Igreja, que nos leva a lembrar da discursão anterior no qual nos atentamos sobre o que é catolicismo popular sertanejo, que em si manifesta-se diferenciadamente do catolicismo romanizado da igreja católica que aparece precisamente nas páginas seguintes do cordel.

Do doutor e doutro amigo
eu ouvi a explicação do porquê da portaria
que causou indignação
do povo do Juazeiro
e do povo do meu sertão.

Eles disseram que o povo
estava muito fanático

e o Concilio do Vaticano
 nesse assunto, é pratico
 o comportamento do povo
 estava atrás do lunático

E mi desseram também
 que o povo é ignorante
 está fazendo fanatismo
 do mais forte e galopante
 por isso que o Sr. Bispo
 fez esse ato escaldante.

(BATISTA, 1983, p. 3-4).

O cordelista então trabalha a ideia de defesa da liberdade de rezar para o além na forma tradicional do catolicismo popular, do qual diz ser a religião de seus pais, sua religião e a do povo pobre que encontra na reza para o além a sua salvação. Em si esse folheto traz no ato da proibição a mensagem de recusa as tentativas de moldar a religião do homem sertanejo conforme era ideia do Concílio Vaticano II, um movimento conciliar de reforma da Igreja Católica que trabalha na tentativa organizar o catolicismo não oficial.

Para isso o cordelista recorre a outros exemplos de fanatismo como o de um fã pelo seu ídolo que segundo ele não é considerado errôneo. A proibição é tratada como mais um problema para os homens e mulheres simples, desamparados no vasto, seco e empoeirado sertão esquecidos pelas autoridades locais.

Todo Fã é um fanático
 pobre, rico ou cabeludo
 quem é fã adora o ídolo
 e por ele faz quase tudo

Roberto Carlos tem suas fãs
 que por ele se desmaiam
 pelos Bittles da Inglaterra
 as mocinhas se “escangaíam”
 e os fanaticos do futebol
 aplaudem e depois vaíam

Quando os Bittles apareceram
 em Woshington, a capital
 pisando numa grama verde
 uma moças...e não fez mal
 comeram o capim que eles
 pisaram no festival

Isso é fã e fanatismo
 se não e me diga agora

porque só rico tem o direito
de ser fanático, ai afora?
porque o pobre não pode ser
fã de quem somente hora?!

(BATISTA, 1983, p. 4-5).

O cordel traz consigo a mensagem de que as missões do Frei no Crato não são aceitas devido a sua postura enquanto evangelizador, que se explicam conforme leituras, ser avessa aos pensamentos progressista da igreja católica. Encontrados hoje em feiras, rodoviárias e banca de jornais a comercialização de folhetos de cordéis ainda repete sua tradição de circulação em espaços de sociabilidade, ou seja, em lugares públicos, mesmo que em menor quantidade, é nesses espaços que a literatura de cordel conseguia capitar a inspiração e tratar dos assuntos que interessavam ao povo.

Sendo notório que o cordelista vai tender escrever para seu meio, na expectativa de atender seus leitores, é que o cordelista cearense Abraão Batista versa sobre “*Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião*”. O mais interessante é que seguindo esse objetivo encontramos mais dois folhetos contendo a mesma temática sobre proibição, anteriores a publicação do folheto citado.

Trata-se assim então do folheto intitulado, “*História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato as Missões de Frei Damião*” do poeta Joaquim Batista de Sena publicado no ano (1975) no Rio de Janeiro, e do cordel “*Frei Damião Proibido de Manoel*” Caboclo Silva publicado no ano (1976) na cidade do Juazeiro do Norte. O primeiro traz uma narrativa em que coloca Frei Damião como vítima de uma grande perseguição do qual sofreu muita calúnias e injúrias onde seus inimigos o acusam de tomar fiéis devido seu carisma, cristãos de outras paróquias, já que quando ia embora deixava as igrejas vazias. Assim sobre a existência de desconforto causado a vigários de paróquias locais com a chegada do Frei para a suas missões podem ser fundamentadas no que diz Aguiar e Silva (2015) “Frei Damião se deparou com o clima profundamente marcado pela autoridade do Vigário de cada Paróquia que possuía ao mesmo tempo, poder temporal e espiritual”.

Perseguição injusta, o cordelista deixa bem claro a insatisfação dos que a favor do Frei ficaram indignados com a postura do líder religioso da diocese do Crato. O autor apoiado em passagens bíblicas encontra a explicação para um ato tão brutal e grotesco contra a um homem bondoso e corajoso que apenas vivia para a pregação do evangelho, confessando e convertendo toda a classe de funestos, para ele foram as forças do mal que já é de costume perseguir. Para

dar notoriedade essa nossa interpretação vejamos o último verso da quarta página do cordel na parte em que o poeta afirma por entrelinhas que a perseguição, qual ele usa a palavra acontecido para se referir, é “bastante conhecido, pois o diabo persegue assim como é perseguido”.

Leitor não é novidade
este triste acontecido
caso desta natureza
é bastante conhecido
pois o diabo persegue
assim como é perseguido

Jesus Salvador do mundo
[...]
foi quem mais teve inimigo
que satanás planta o jôio
onde Deus semeia o trigo

(SENA, 1975, p. 4-5).

A preocupação aqui está em justificar que assim como Jesus sofreu perseguição Frei Damião também sofreu, porque é característica do mal perseguir quem trabalha em favor do bem, imaginário muito presente na religiosidade popular para explicar suas dificuldades.

Nesse mesmo teor o poeta na página cinco do folheto também no último verso completa que ao ser expulso do céu satanás como vingança a Deus foi tentar Eva e Adão duas obras primas criadas por Deus, assim como também o satanás induziu Caim levando a matar seu próprio irmão. O bispo assim através do cordel é símbolo do mal, que atravessa os caminhos daqueles que são homens de bem, o bispo apesar de ser um membro religioso serve de conexão para segundo Lima (2015) “forjar em demônio na ardente imaginação popular” e justifica os erros cometidos pelo homem sertanejo.

Pois satanás sendo expulso
na grande rebelião
pra se vingar de Eterno
foi tentar Eva e Adão
e encarnou-se em Caim
para matar o irmão

Foi o mal que atacou
em cheio o Bispo do Crato
ouvindo a Frei Damião
ficou como um insensato
e tratou de persegui-lo
e fazer-lhe em desacato

(SENA, 1975, p. 5-6).

Neste verso Joaquim Batista de Sena atribui a decisão do bispo como um completo desacato a autoridade, lembrando ao leitor o quanto Frei Damião tinha legitimidade desde a dada por Deus e por ser o sucessor do Padre Cicero assim como membro da igreja católica. No terceiro e último cordel de autoria de João Alexandre, “*Frei Damião Proibido Chorou Que Fez Piedade*” justifica a decisão devido na sua forma de pregar considerada como antiga e que alimenta o fanatismo do povo.

[...]
 Quero contar pra vocês
 com pesar no coração
 porque o Bispo do Crato
 proibiu Frei Damião

Diz ele que o santo frade
 não dar certo em desobriga
 por fanatizar o povo
 com a pregação antiga
 fanático não é católico
 disse o bispo, é bom que eu diga

(SILVA, 1976, p. 1).

Segundo Luciana Vidal Cristo de Lima, Frei Damião “não é aceito para realizar suas pregações, por dezenas de paróquias do Nordeste devido à postura radical apresentada pelo Frei”. Essa postura segundo ela tem em face o religioso como sendo um respeitador das regras de sua ordem.

Como sendo um discípulo fiel às suas convicções, segue sem questionar os “cinco pilares” sobre os quais devem apoiar a Ordem Capuchinha os quais são: vida intensa e espírito de oração, de devoção e de contemplação, prática radical da altíssima <<altíssima pobreza>> interior e exterior, a ponto de renunciar a todo o gênero de privilegio e propriedade, mesmo comunitária, ardor e entusiasmo na pregação e no apostolado, segundo a simplicidade e a humildade evangélicas, caridade concreta e prontidão em servir todo e qualquer irmão necessitado de espírito eclesial na submissão e total docilidade ao Papa e a Igreja hierárquica (LIMA, 2005, p. 13).

A cordel ainda recria a imagem de sofrimento e tristeza que caiu sobre aquele que passou toda uma vida pregando, a começar pelo título em que o cordelista coloca que o Frei “*Chorou que fez piedade*”. A narração realmente traz todo a convivência do “Santo” durante esse período de proibição. Vemos nas oito páginas que o Frei aparece falando com o leitor, defendendo-se

de seu perseguidor. Perseguição injusta, ele mesmo não era culpado de nada, apenas pregava as palavras do livro sagrado e que não fez nada contra o clero.

Dizia frei Damião:
 - Eu sem nada sou culpado
 sou devoto Franciscano
 só prego o livro Sagrado
 são Francisco me socorra
 por Jesus Sacramentado

(SILVA, 1976, p. 2).

Mesmo sendo considerado santo em outros cordéis, nesses poemas e principalmente neste último o poeta trata de Frei Damião enquanto homem, já que o mesmo é lembrado pela sua atuação nas brenhas do sertão, sofre, chora, e é perseguido assim como Jesus.

Chorando dizia o frade:
 -Meu Deus o que será de mim
 se fui justo até agora
 porque me achou ruim?
 Não fiz nada contra o clero!
 eu sou perseguido assim!

(SILVA, 1976, p. 2).

O cordel então através de Frei Damião proibido relembra e remonta a existência de uma cultura religiosa popular, religiosidade por vezes tida como erronia, antiquaria as novas reformulações por qual perpassa a igreja no século XX, não sendo compreendida. Frei Damião então é considerado como combustível para propagação e fortalecimento dessas práticas religiosas que precisam ser moldadas conforme os ajustes que catolicismo oficial exigia. O bispo representa o romanismo da igreja contra os costumes dos sertanejos próximos as práticas religiosas populares e distante da oficialismo da mesma, que segundo Luciana Vidal Cristo de Lima.

Na religiosidade popular o homem se expressa em todas as suas dimensões. Para as pessoas simples do campo e para o operário, a religião é um dos modos de manifestar sua existência, de viver a relação com outros e de proclamar seu direito de existir. Sua religião mantém o sentido da dignidade, de uma certa coesão social, as lembranças do seu passado e as esperanças de um futuro melhor, uma certa utopia que lhe permite, protestando contra as expressões, pensar numa sociedade diferente. A Religiosidade popular se exprime no

contexto histórico de um povo qual Deus vem traçando sua história de salvação. Na religião o homem pode descobrir respostas para suas aspirações humanas (SEGNA, 1977, p. s/n *apud* LIMA, 2005, p. 8)

Nota-se que os três folhetos partem em defesa do interesse de manter viva as práticas religiosas populares e os valores cristãos da sociedade dos quais os poetas fazem parte, e que o Frei abraçou, defendeu e entendeu. Esses folhetos podem ter surgido a partir de um fato jornalístico, “dos chamados acontecidos, das reportagens informativas extraídas do noticiário e de acontecimentos de repercussão local ou nacional (MELO, 2010, p,104). Já que encontramos em um dos folhetos a referência a circulação desse caso nos jornais do Ceará. Os “versos não só pretendiam antecipar-se aos jornais na divulgação de notícias, mas também utilizar as reportagens como matéria-prima para criação literária (Idem, 2010, p. 104).

Assim tanto Joaquim Batista de Sena como João Alexandre e Abraão Batista “Percebendo como os leitores- ouvintes apreciavam a rememoração do noticiário através da literatura de folhetos” (idem 2010, p. 105) produziram um texto em que demonstra a tensão existente entre o povo e a hierarquia eclesiástica que se mostra na perseguição ao Frei Damião.

O poeta numa forma de dar veracidade aos fatos usa de elementos que nos chama atenção para que o seu leitor saiba que o mesmo fala a verdade quando na segunda página diz que ele mesmo foi a cidade do Crato para saber do bispo sobre essa história, esses elementos vão desde a evocação de castigos pelo próprio cordelista para caso esteja escrevendo errado como o chamado de quem testemunha o fato e lhe contou para dizer se o cordelista mente ou o perdão de Jesus Cristo se caso ele não fale a verdade sobre Frei Damião, o autor assim mostra um respeito para com o seu leitor passando credibilidade seriedade já que mostra-se igual ao seu leitor temeroso aos castigos de Deus.

Numa forma mais abrangente os três cordéis analisados são narrativos que possuem percepções a respeito da postura de Frei Damião enquanto a sua atuação missionária, antes e após o Concílio Vaticano II, movimento de renovação pastoral onde “teólogos e bispos passam a considerar o mundo moderno tentando evangelizar como Igreja protestante já faziam em outros países” (CRUZ, 2010, p.51). Frei Damião passa a sofrer restrições em algumas dioceses devido suas pregações ainda serem baseadas na ideologia do Concílio de Trento e do Vaticano I na perspectiva de provar e divulgar para os protestantes que a doutrina religiosa cristã ou a lei católica é a única expressão de verdade, abaixo expressamos um pouco desse pensamento onde o capuchinho se ancorava.

Entende-se por revelação divina a auto comunicação de Deus no tempo para a salvação da humanidade, que tem seu vértice e plenitude na encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus,

processo fixado ou consignado quantitativamente e qualitativamente nas chamadas Sagradas Escrituras. Através de Jesus Cristo se dá a plena Revelação da Trindade de Deus, da Economia da Salvação, do plano divino para com a humanidade e do seu destino final. O Concílio de Trento, celebrado de 1545 a 1563, em três blocos de sessões, expôs a doutrina católica frente aos questionamentos dos reformadores (século XVI). Os protestantes viam a capacidade cognoscitiva do homem enfraquecida pelo pecado e, assim ameaçava-se a “sobrenaturalidade” da Revelação. Eles também acentuavam o aspecto individual da fé, a acolhida da justificação dada por Deus, e a livre interpretação da Escritura com menor atenção ao aspecto objetivo da Revelação. Diante dessas teses, o Concílio de Trento vai opor-se ao subjetivismo protestante, insistindo no aspecto objetivo da Revelação, no conteúdo, nos seus transmissores, e nos seus intérpretes oficiais (RIBEIRO, 2006, p. 56-57).

Negando-se a se moldar conforme as determinações do Concilio Vaticano II (1962-1965) o Frei Italiano é considerado pela ala progressista da igreja, como obstáculo para os trabalhos de renovação pastoral. Um dos colaboradores dessa renovação pastoral foi o arcebispo de Pernambuco Dom Helder Câmara um relevante personagem da Igreja Católica e da política Brasileira que atuou nos bastidores do concilio em optar pela socorro aos pobres e sua abertura aos problemas contemporâneos, Dom Helder Câmara sensível aos problemas socioeconômicos do país e especialmente da região Nordeste atuou na denúncia contra as estruturas de exploração, sendo considerado adepto da ideologia comunista foi enormemente perseguido e censurado pela ditadura militar instaurada no Brasil em maio de 1964. Na década de sessenta é importante salientar havia-se o temor de que houvesse a disseminação do comunismo no mundo, e que no Brasil a ideologia se proliferava por meio das ligas camponesas. O vaticano considerando o comunismo ateu torna-se contra colaborando com a ditadura.

Os cordéis, portanto, exprimem em seus versos um confronto entre o clero e a religião popular do povo personificada na pessoa de Frei Damião que segundo CRUZ (2010) “[...] possui um campo de trabalho junto ao povo do Nordeste devido a identidade cultural destes que via no Frei o guia e conselheiro de que precisava. Frei Damião, reunindo as qualidades que o definem como santo protetor, foi o porta-vos desta cultura popular sertaneja no Nordeste brasileiro. Frei Damião se ateve em defender os valores tradicionais coadunando as suas pregações com a insegurança do povo receoso de perder suas legítimas tradições. Isso ocorre face aos movimentos de transformações sociais pela Igreja (CRUZ, 2010, p. 61).

Assim a narrativa encontrada no folheto Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Porquê defende a continuação das tradições religiosas que era defendida pelo Frei e passam a ser combatidas pela Concilio Vaticano II durante sua política de reforma. Já o cordel

“*História de intriga e suspensão do bispo do Crato*” e “*Missões de Frei Damião*” discursa com tom de condenar e não entender essa reforma. Por fim o folheto *Frei Damião Proibido Chorou que Fez Piedade* retrata um Frei passivo e sereno que não entendia o porquê das proibições, sendo até ingênuo desculpem-nos de colocar o Frei como um leigo sem conhecimento das causas de que tratava a igreja nesse período, como se ele não fosse membro da igreja e não tivesse acesso as recomendações e decisões tomadas por essas.

2.2. Avisos, castigos e profecias: Frei Damião de Bozzano no cordel do acervo Átila Almeida.

Segundo os devotos que o acompanhavam as missões, Frei Damião era um homem santo capaz de realizar milagres, embora o mesmo tenha sempre em entrevistas e celebrações campais negado capaz de realiza-los, sempre as atribuídas ao poder fé e vontade de Deus. De acordo com MOURA (1978) citado por CRUZ (2010, p. 49),

Os milagres de Frei Damião podem ser divididos em três classes: a milagres de castigo são subdivididos em morte súbita e transformação em bicho; b) milagres de salvação são subdivididos em cura, conversão, sucesso econômico; c) outros milagres são subdivididos em domínio da natureza, adivinhação, tentativas de morte. “Muitos dos milagres atribuídos a Frei Damião, a tradição popular já atribuí Pe. Cícero, mudando a geografia e o tempo.

É sobre essa perspectiva que o segundo capítulo análise os folhetos que refletem sobre avisos, castigos e profecias. No cordel de F. Sales: “*Um aviso de Frei Damião e os sinais do fim dos tempos*” (1980) encontramos uma narrativa que alerta o povo sobre as mudanças no comportamento e valores sociais que ocorriam na década de 1980, neste caso o cordelista mostra sua preocupação e percepção com as mudanças que exemplificavam a chegada do fim dos tempos, considerando que o homem dava mais importância ao dinheiro, a mulheres, a festas e bebidas, afastando-se cada vez mais dos ensinamentos de Deus e da Igreja Católica. O tempo era de um mundo “às avessas” da passagem de tempos antigos para novos tempos, onde os costumes morais se diluem em meio aos novos costumes patrocinados pela modernidade.

Todos em perigo, esse folheto força o seu leitor a imaginasse em meio a um tempo sem qualquer tipo de controle, onde as posturas e condutas tradicionais não valem mais, um mundo extremamente bagunçado e diferente, e que causa desgosto ao Deus. Essa imagem causa medo e aflição nos que são filhos de uma geração onde foram ensinados preceitos morais e são tementes aos castigos de Deus.

Frei Damião fez agora
 Um sermão em nova-cruz
 Explicando a todo mundo
 Com toda Clareza e luz
 Os sinais do Fim dos tempos
 Para quem crer em Jesus

Mais de duas mil pessoas
 Que assistia a pregação
 Ouviram quando ele disse
 Meu povo preste atenção
 Nosso mundo está no fim
 Por cauza da corrupção

(SALES, 1980, p. 1).

O fim do mundo estaria chegando devido aos novos hábitos sociais, para o sujeito do cordel a atração pelo prazer anima o desprezo de Deus, afasta o bem da humanidade, atrai o mal, gera violência contra a carne e o pecado da alma (RODRIGUES, 2011, p. 270). A corrupção seria a desordem que levaria ao homem esquecer das coisas espirituais e principalmente de Deus, levando a sempre querer retirar maior proveito do outro o que significaria pecado para a ortodoxia católica, que coloca o “pecado contra Deus e o pecado contra o próximo significa uma infração à ordem divina” (CRUZ, 2010, p. 68).

O deus do homem é dinheiro
 Revolve e mulher bonita
 Carro novo e PITÚ
 [...]

Moça hoje não quer mais
 Namorar dentro de casa
 Quando arranja um namorado
 Bota debaixo da aza
 E arrasta pra esquina
 Toca fogo e vira braza

Tem mulheres que abandonam
 Os seus esposos Sagrados
 Filhos assassinam pais
 Outros morrem maconhados
 Viúvas com 3 maridos
 Moças com 10 namorados

(SALES, 1980, p. 2-3).

Então o que temos nesse folheto quando nós apoiamos no trabalho de Geice Peres Nunes (s/d, p. 3) são “versos com um tom denunciatório: acerca da “corrupção”; a respeito dos castigos

que tais “corruções”, impõem, não como penas individuais, mas coletivas”. Nesse caso o castigo maior seria o fim do mundo que já teria sido previsto por padre Cicero. Os versos sinalizam conteúdos apocalípticos pregados aqui no sertão que segundo (CRUZ, 2010, p.43) “sejam oriundos da antiga tradição capuchinha vinda da Itália”.

Mas tudo isso tem fim
 Não tá longe esse dia
 80 já deu o sinal
 Com verão e carestia
 De cumprir-se as palavras
 Que meu padrinho dizia

80 começa bom
 Os camponeses começam animado
 Só pensando em lucrar muito
 Cultivando os seus roçados
 Mas a macha vem de ré
 E deixa o carro ato lado
 Os sinais do fim dos tempos então começam aparecer

80 ainda é bom
 86 vai-se ver
 O alimento faltar
 Até água pra beber
 Gente assar toco de couro
 Molhar com água e comer

Todos castigos da terra
 Pra que a noção merece
 [...]

(SALES, 1980, p. 2-3).

Para acabar com o esse tempo de pecado o mundo ira se acabar novamente com água lembrando-nos da passagem bíblica sobre o dilúvio que acabou com a humanidade. Sobre esse assunto Lindurte Pereira Rodrigues (2011, p. 271) nos apresenta que “O cordel também está na fronteira entre sagrado e profano. É ponte entre o homem e o divino porque exemplifica, moraliza e faz ver as imagens que mancham a alma do homem e podem leva-lo ao fim de sua existência a salvação de sua vida”. O folheto assim apresenta os erros da humanidade que acarretam o seu fim último. O fim do mundo seria a melhor solução para apagar as marcas deixadas pela corrução para um novo começo.

Depois do clipe um estrondo
 Com uma terrível explosão
 Do Brasil ao Estrangeiro
 Não fica um só cristão

Isto ai é um só aviso
Do Frade Damião

O monte mais alto que tiver
Tem que ser inudado
É Jesus Cristo que manda
para lavar as manchas de sangue
Que no chão é derramado

(SALES, 1980, p.8).

Eis aqui o historiador revivendo o contato com seu objeto de pesquisa, demonstrando que nenhum historiador consegue ser neutro em suas escolhas. Na última página desse cordel, nas três últimas linhas mais precisamente, nos deparamos com versos que expõem palavras ditas do que a senhora Maria de Zé Linhardo, um casal de camponeses moradores da propriedade localizado no meio de uma cadeia de montanhas no extremo interior do município de Paulista PB, e amigos de minha avó, narrava no alpendre da casa do sitio durante o pôr do sol acompanhado de uma xicara de café com os olhos fixos no prepara de mais um “anaulxegico boro” cigarro feito de fumo Super Bom, embalado em um saquinho amarelo com o nome e informações do produto em letras vermelhas e uma folha de fumo ao centro da embalagem.

Ouvia dizer de que a mesma teria escutado de alguém, que em uma santa Missão realizada cidade de Coremas, Freia Damião disse para multidão que estava a lhe ouvir que o Açude de Coremas iria se “arrombar” para lavar as manchas de sangue que nas paredes do balde do açude teriam sido derramados. Que a igreja de Nossa Senhora do Rosário padroeira da minha cidade Pombal seria a cama de uma balei que do açude iria escapar.

Contudo observa -se que a partir desse folheto e do breve relato que contamos,

(...) não era apenas pela humildade, pela doçura e pelo grande poder de oratória que frei Damião atraía seus fiéis. Na verdade, sua importância e popularidade foram construídas através de uma pregação da qual pecados, o fim último, os destinos das almas viraram matéria de uma pedagogia que espalha medo e terror: Deus e Diabo, Paraíso e Inferno, salvação e pecado, elementos preferenciais de suas pregações, compõem um quadro de referências já presentes no imaginário social (SOUSA, 2010, p.190).

Quando o cordel é de temática profética encontramos ainda como exemplo o folheto do cordelista João Vicente Emiliano; “*Aviso Urgente do Padre Cicero ao Frei Damião*” datado de 1980, onde o cordelista realiza o encontro desses dois religiosos em sonho. Padre Cicero aparece para o Frei Damião em sonho revelando-lhe um segredo, que na matriz do juazeiro um bilhete escrito deixou para que o Frei lesse para todos os romeiros.

Frei Damião durante sua pregação aos romeiros falou o conteúdo desse misterioso bilhete, que antes de chegar 1990 o ano ia ser desastroso por causa dos pecados.

Ele apareceu em sonho
junto de Frei Damião
em sonho dizia assim
segue em minha direção
vamos na matriz agora
antes de romper da Aurora
e faz a revelação

Em sonho Frei Damião
acompanhou meu padrinho
quando chegou na matriz
tinha assim um caixãozinho
meu padrinho disse prá ele
abra o que tem dentro dele
para ti um bilhetinho

Em sonho ele abriu
aquele caixão dourado
logo em cima estava escrito
pra ti ele foi guardado
Frei Damião se acordando
ficou sentado olhando sem saber do resultado

Quando foi no outro dia
era gente em quantidade
de todo canto chegava
para assistir sem maldade
aquele grande sermão
do grande Frei Damião
conselheiro da humanidade

Frei Damião nessa hora
começou a pregação
dizendo filhos de Deus
ouçam a mim com atenção
vou ler com todo cuidado
revelando o resultado
do Padre Cicero Romão

Ali ele começou
lendo tudo direitinho
dizendo vou ler a carta
escrita por meu padrinho
para todo brasileiro
aquele que for romeiro ouça a carta de padrinho

(EMILIANO,1980, p. 2-3).

O cordel então remonta a uma temática que possibilita a associação por parte dos devotos de Frei Damião com Padre Cicero, lembrando como os dois são sagrados para o povo e expondo o laço fraterno existente entre os “dois santos”, onde Frei Damião prega para os romeiros de padre Cicero confirmando a fama de ser o sucessor escolhido e deixado pelo padre para cuidar dos nordestinos.

Relembra o quanto padre era poderoso e querido para os homens e mulheres que conheceram e escutaram seus conselhos e profecias. Frei Damião apesar de ser um homem poderoso e sábio nesse folheto torna-se um divulgador das profecias que pelo padre Cicero eram realizados que também alertavam para a chegada do fim do mundo devido ao pecado mundanos, tornado o Frei ainda mais divino na mentalidade dos fieis já que falava de uma mesma linha pedagógica discursiva que o padre do Juazeiro do Norte.

No folheto “*Conselhos e profecias do Sto. Frei Damião*” publicado em (1977) os cordelistas Heleno Ferreira & David Neto criam uma narrativa sobre o teor dos discursos de Frei Damião. Na narrativa os discursos do Frei traziam conselhos para a redenção dos pecados e as acertadas profecias já realizadas pelo padre Cicero sobre os tempos difíceis que iriam chegar. Os conselhos tinham como alvo as mulheres que cometeriam adultério, aos homens que deixassem seus lares dos perigos que corriam.

Vou revelar aos ouvintes
Em verços de poesia
Tudo que o frei Damião
Em seu discurso dizia
Cumprindo do padre Cicero
A mais certa profecia

Disse o santo do nordeste
O tempo está ruim demais
Em todo canto se ver
Efeitos de satanáz
Com mulheres contra os maridos
E os filhos contra os pais

O padre Cicero dizia
Que o tempo há de chegar
Com a corrupção do povo
A carestia aumentar
Quem for vivo nesse tempo
Pede a Deus pra se acabar

Esse tempo está chegando
Frei Damião disse assim
Fome peste muita guerra
E niguem ache ruim

Que é começo das dores
E o início do fim

(FERREIRA; NETO, 1977, p. 1).

O cordelista também lança seu olhar para os comportamentos femininos em meio a esse dismantelo em que se encontra o mundo, olhar que a incrimina seu comportamento como conivente as vontades do diabo advertindo sobre a liberação feminina, por usar batom e andar com roupas curtas, tonando-se ferramenta de sedução, por isso vai queimar no fogo do purgatório difundindo um pensamento da mulher enquanto o ser pecaminoso.

Mulher de bico pintado
E o ombigo de fora
Sai lascada de banda
Do jeito que o diabo adora
No fogo do purgatório
Vai se queimar toda hora

Toda mulher adúltera
Disia Frei Damião
Terá seu nome anotado
No livro da perdição
Quando morrer perderá
O direito da salvação

(FERREIRA; NETO, 1977, p. 1-2).

Os folhetos revelaram a circularidade de temáticas referente aos discursos, sermões, “*Conselhos e profecias De Frei Damião*”, objetivando reforçam os valores morais cristões. A onde Frei profetizava a chegada do fim do mundo atestando para atualização de uma pedagogia de medo que encontrava acolhimento no imaginário social do nordestino, ao tempo que se justificava a partir da leitura das mudanças sociais profetizada visualizadas por padre Cicero.

No folheto “*O Rapaz Que Virou Bode Porque Profanou de Frei Damião*” (1940) do cordelista José Costa Leite encontramos uma história bastante interessante de um rapaz que é transformado em animal. No início o cordelista faz um alerta sobre a situação em que se encontra o mundo, onde estaria segundo ele ocorrendo os castigos que as profecias já haviam alertado, para ele toda a terra estaria sendo castigada devido aos pecados da carne. O cordelista ainda alerta para a chegada de um tempo ainda pior.

Nesse folheto podemos encontrar a visão fatalista de que tudo ocorre devido culpa do homem, devido a decadência moral.

O mundo está vai não vai
 porque na face da terra
 está tudo castigado
 e a profecia não erra
 sempre vê-se todo dia
 crise, impôsto e carestia
 peste fome e sêca e guerra

(LEITE, 1947, p. 1).

A peste, a fome, a guerra, a alto dos preços são abalos que em qualquer sociedade se espera haver, no Nordeste foi muito comum vê-las, principalmente devido escassez de políticas públicas para amenizar os problemas causadas pelos grandes períodos de estiagem, esses abalos eram então associados como sinais do fim dos tempos. Um grande período de estiagem coincidentemente acertado pelo senso comum era motivo para espalhar o terror.

Ninguém espere bom tempo
 por causa da corrupção
 o povo vive marchando
 na vala da perdição
 nada de bom se espera
 breve chega o fim da éra
 trazendo mais aflição

O povo de hoje só quer
 Jogo, cachaça e forró
 Namoro e chumbregação
 dona boa e catimbó
 o mundo não presta mais
 dizem que agora uma rapaz
 virou bode em Maceió.

(LEITE, 1947, p. 1).

Neste cordel são contadas várias situações e uma delas da conta de um rapaz de nome José Simeão que tinha 22 anos e possuía uma cabeça muito dura, no sentido de rever seus atos, começou a falar contra Deus e a Frei Damião. Possuía um grande ódio pelo Frei, sentimento a muito combatido e condenado nas religiões pincipalmente na católica. Um dia embriagado quando ouviu a vizinha falar em Frei Damião, começou a insultá-lo chamando o mesmo de bode velho, que suas visitas as cidades apenas causavam confusão, e que o mesmo não conseguia salvar ninguém e nem fazer o bem com sua religião.

Outra questão presente no mesmo cordel é a utilização da palavra “catimbó” também representa a rejeição a qualquer religiosidade que não seja cristã, apesar de no Brasil o catolicismo popular possuir uma abertura significada –mente grande permitindo que venhamos

a conviver com o sincretismo religioso principalmente na região Nordeste onde se encontra as famosas benzedadeiras.

Também observamos a utilização da palavra dona boa, que demonstra mudanças na forma de perceber a mulher, que denota uma mulher de quadris avantajados e seis fartos que podem ser comparados ao estereótipo criado para a mulher se direcionar nacionalmente e internacionalmente, a mulher brasileira, a mulher de corpo farto. Sobre essa percepção TAMBACK (2013) coloca em seu artigo sobre estereótipo das mulheres brasileiras em Londres em que se vê “corpo dessa mulher na praia, ele ainda assim repete o conceito afirmado e repetido ao longo dos séculos: o estereótipo da mulher brasileira exótica e gostosa” (p.141).

Lá em São José da Lage
 mora José Simeão
 casado com Julieta
 maria da Conceição
 trabalhando honestamente
 pais de um filho somente
 chamado Sebastião.

Rapaz de 22 anos
 forte, robusto e morrudo
 bastante trabalhador
 porém muito cabeçudo
 e falava num segundo
 contra Deus e o mundo
 já bastante embriagado.

Uma vizinha ouvindo
 os gritos de Sebastião
 disse: dona Julieta
 foi ouvir a Frei Damião
 seu Semeão foi pra lá
 Frei Damião na praça está
 fazendo um santo sermão.

Sebastião quando ouviu
 falar em Frei Damião
 disse assim: Aquele bode
 só vem fazer confusão
 ele não salva ninguém nem pode fazer o bem
 com sua religião.

-Eu chego em casa com fome
 e minha mãe tem saído
 meu pai também foi com ela
 aquele velho enxerido
 para ouvir um barbudo
 pai de chiqueiro xifrudo
 e eu fique esquecido

-Estou com vontade de ir
 matar a Frei Damião
 meter-lhe a faca no bucho e acabar o sermão
 porque eu não gosto dele
 toda vida odiei ele
 e o padre Cicero. Romão

(LEITE, 1947, p. 4)

Retomando a discussão, o jovem nessa história não teme aos castigos celestiais, ele é totalmente contra Frei Damião como também afirma não gostar de Padre Cicero, um religioso de grande importância para o catolicismo popular cometendo os erros de não aceitação das normatizações já mencionadas. O folheto cria uma narrativa que trabalha o sentimento de respeito a religião sagrada, e as suas formas de se expressar como o ato de rezar possuir um escapulário etc.

Os leitores ao se depararem com o exemplo do rapaz que profanou Frei Damião passam a rever seus valores cristãos levando para si o acontecido, e reforçando seu temor aos castigos de Deus e o respeito a igreja. Segundo Campos citado por NUNES (s/d) “a maior parte [dos folhetos] contém sempre uma exortação ao bem, revelando quase sempre temor a Deus e respeito a Igreja” (p.2) José Costa Leite mostra um rapaz que desrespeita os santos e a igreja representante do deus supremo.

Só creio em Frei Damião
 Quando eu virar um bode

(LEITE, 1947, p. 4)

E assim se fez, chegando ao local da santa Missão Frei Damião fez se cumprir o desejo de Sebastião o mesmo virou um bode porque profanou Frei Damião.

A mãe dele fez promessa
 Com o padre Cicero Romão
 N.S das Dôres
 e falou com Frei Damião q
 que assim só fez dizer:
 - Três meses ele vai correr
 como esta pelo sertão.

-Depois de 90 dias
 ele vai se desencantar
 vai virar gente de novo

e deixar de profanar
mas antes do prazo, não
porque o Frei Damião
não promete pra faltar.

O rapaz virado em bode
Já andou no Ceará
remexeu várias cidades
atrás do povo de lá
passou o dia no Crato
e já ouvi um boato que
breve ele vem pra cá.

(LEITE, 1947, p. 4).

Entrando dentro do ciclo de castigos por desobediência temos como exemplo ainda o folheto “*O grande exemplo da moça que cantou na hora do sermão de Frei Damião*” do cordelista Gilberto Severino Francisco. O cordelista também traz em seus versos a história de uma jovem moça que tinha por nome Ana, filha de um bodegueiro chamado Augusto Leão que desfez de Frei Damião na cidade de Camucí.

Ana assim como Sebastião o rapaz que virou bode por profanar de Frei Damião não dava valor a santo, terço, missa, ou a oração mostrando-se totalmente descrente a aceitação aos santos reverenciados pelo catolicismo popular, das práticas de devoção e ensinamentos da religião passando a ser castigada por desfazer e blasfemar contra Frei Damião.

Eu peço a meu Jesus Cristo
Que me der inspiração
Pra escrever em exemplo
Que faz chamar a tenção
De uma moça de desfez do Frade Frei Damião.

Na cidade de Camucí
deu-se esse exemplo então
Coma filha de um bodeguista
Chamado Augusto Leão
e a sua belíssima esposa Helena da Coseição.

Ela se chamava Ana
Maria de Conceição
Não dava valor a santo
Terço, missa e oração
E blasfemava muitas vezes Frei Damião

(FRANCISCO, 1960, p. 1).

Essas duas histórias vão de encontro a um dos pensamentos e discursos proferidos pelo Frei Damião em suas santas Missões no Nordeste, a respeito dos jovens encontrado no livro de ex-político paraibano e amigo pessoal de Frei Damião, Wilson Braga. Em seu livro Braga (2002) coloca que o pensamento do Frei a respeito dos jovens era “Os jovens fazem o que não deveria ser feito em pecados prazeres sinistros, desonestidades, conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos e divertimentos. Correm atrás dos bens efêmeros desta vida até merecerem a condenação eterna. Para eles, está mais vivo o fogo do inferno (BRAGA, 2002, p.60).

Não podemos comprovar que o cordelista tenha escutado algum sermão de Frei Damião onde o mesmo demonstrou esse pensamento. Mas com certeza falas correspondentes as recriminações dos comportamentos dos jovens faziam sim parte do imaginário social proferidas pelo frei, que possibilitaram a criação de um contexto em que a poeta pudesse criar uma cena em que um jovem se torna pecador. No folheto é nos informado, mas uma vez que esse exemplo se deu durante uma visita do Frei a localidade do castigado onde o mesmo está presente para realização de uma santa Missão. A moça com seu violão começou a tocar e o frade pede para que a mesma se cale, mas a desobediente insiste em continuar e passa mangar de Frei Damião.

A vinte do mês passado
o Frade Frei Damião
no estado de Pernambuco
em uma cidade então
as sete horas da noite
começou no seu sermão

Bem em frente da Igreja
tem esta bodega então
[...]
a moça foi vendo o Frade
foi pegando o violão

Ela com o violão ali começou tocar
O Frade Frei Damião
Mandou ela se cala
Ela mangando do frade
ali começou cantar

(FRANCISCO, 1960, p.1-2).

A música cantada pela jovem ao som de seu violão nada mais é do que a música “Meu Dilema” (1960) um dos vários sucessos do cantor brasileiro Néelson Gonçalves, que embalou nas rádios do país cantando música de estilo boêmio. A música cantada tem seu estilo criado durante o intenso momento cultural vivenciado no Rio de Janeiro do início do século XX, é

justamente neste ambiente cultural efervescente que encontramos várias canções que fazem referência a boemia como um modo de ser e de viver (NASCIMENTO, 2015, p.1).

Nesse estilo de música “podemos perceber a alegria e a exaltação do viver e da liberdade social que os homens possuíam em todos os sentidos. Os prazeres do amor eram cantados, mas não com idealizações romanescas, mas como algo que era desejado e temido, porque eram as “amarras” do homem, identificado na canção como “o diabo”. E era na pinga, leia-se cachaça, que os prazeres da vida se faziam sentir porque afastava, mesmo que por alguns momentos, o cotidiano difícil do trabalho. A bebida era o desinibidor por excelência. Bastava alguns goles para o indivíduo sentir-se corajoso para dançar.

Esse estilo de vida é amplamente combatido pela Igreja e por Frei Damião, sendo considerados pecados sinistros que levaria que os cometesse direto para o inferno. “O ar de festa que as composições apresentam mostra claramente o clima das casas boemias, em sua grande maioria cabarés e gafeiras, no qual o ritmo e a dança maxixe era bastante tocado e dançado pelas classes mais populares (idem, 2015, p. 7).

Esses espaços sempre denotaram ser lugares “marginalizados”, consideradas pela nossa sociedade e pela religião imorais e contra os bons costumes, foi perseguido pela Igreja, pela polícia, pelos educadores e chefes de família. Assim levar uma vida boêmia era viver sem convenções sociais que traria consequência como a exclusão na comunidade ou é a perda ao tão sonhado pedaço do céu.

Levar uma vida boemia, nas letras que vimos das primeiras décadas do século XX, era levar uma vida incerta e inconstante, sem amarras e sem convenções sociais. Ser boêmio, desta forma, era a mesma coisa que ser vagabundo e os afeitos a vagabundagem iriam experimentar um momento de intensas perseguições que iriam ser instituídas pelo governo Vargas, no período do Estado Novo (1939-1945). Mas essa, já é uma outra canção.

A moça não obedece ao Frei e passa a cantar desfreada mente.

Ele disse cala a boca
e ela sem escutar
ele olhou para ela
e disse sem se vexar
cante para o povo ouvir
quatro dias sem parar

Quando ele disse isto
ela se desembestou
a cantar e a sorrir
que a todos admirou

quatro dias e quatro noites nesta folia ela passo.

(FRANCISCO, 1960, p. 3).

Em todos os folhetos de castigo a única solução para acabar com a punição seria o arrependimento profundo, o arrependimento quando de coração seria a chance de se redimir diante de Deus e receber o seu perdão para ter direito a degra formar Podemos considerar que esse cordel busca funcionar como um lembrete/ameaça ao afastamento das boas condutas.

A moça quando parou
de tudo se arrependeu
de ter zombado do Frade
que a ela nunca ofendeu
pendeu e morreu

(FRANCISCO, 1960, p. 3).

O poeta como em passo de mágica passa a partir da quarta página de seu folheto narra outra história envolvendo agora o pai da moça zombadora. O desfecho acaba definitivamente nos castigos de morte repentina após a tentativa e conseguir matar Frei Damião. Para o cordelista Frei Damião tem poder, e nada mais natural do que retrata-lo sendo capaz de descarrilhar o trem em que viajava o seu perseguidor.

O perseguidor do qual já falamos é o senhor Augusto Leão que assim como sua filha e o rapaz que virou bode não teme nem acredita na existência de Deus, nem muito menos tem empatia com a santa religião católica que por sinal é a mesma do cordelista. O folheto possui um sentimento ante protestante e ateu. O cordelista faz o uso da perseguição ao Frei Damião para criticar os que não compartilhavam dos dogmas de sua religião sempre elevando a sua religião como única, correta e certa.

Fez o enterro da filha
mais só com ateu e crente
e depois de enterrado disse ali a toda gente
que do tal de Damião não deixava inteiro um dente

Ele disse aonde eu souber
que ele estiver então
eu irei mostra a ele
que sou agosto leão
não tenho nada com Deus
meu corpo é todo do cão
[...]
pego o seu 38

e para lá destinava.

Ele embarcou no trem
e para lá se destinou
bem perto de Aracati
o trem descarrilhou
todo povo ficou salvo
só ele um braço quebrou

(FRANCISCO, 1960, p. 3).

A sede por vingança e trazida à tona como produto do mal, sentimento que se perpetua naquele que perseguem e quem faz apenas o bem, “lembrando que a ira não atenta apenas contra os outros, mas podem voltar-se contra aquele que deixa o ódio plantar semente em seu coração” nesse caso exemplificado nos acontecidos com de Augusto Leão.

Foi para o pronto socorro
[...]
ele dizia baixinho
eu ainda vou me vingar

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

Durante sua narrativa o cordelista faz menção ao folheto de cordel “*História do Protestante que virou num urubu porque quis matar Frei Damião*” onde usa o exemplo do crente Gastão Quinú que fora abatido por Frei Damião nas três vezes que tentou se vingar do Frei. Em nossa observação, notamos que o folheto de cordel que narra a história do Gastão Quinú serviu como inspiração para se construir uma história de mesma temática, sobre castigos contra os que são ateus e desrespeitosos com a santa religião católica. Provado que em ambos compartilham de uma moral em que se considera os mandamentos da lei divina, a obediência a igreja, a autoridade da igreja, a confissão e os santíssimos sacramentos.

Dizem que ele três vezes
chegou a Gastão Quinú
outros dizem que ele fez
do crente um urubú
porem comigo ele encontra
a tampa do seu baú

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

Dizemos isso porque o mesmo final de Gastão Quinú, foi dado a Augusto Leão, os dois morreram com as armas que empunharam para matar Frei Damião nos dois casos fora preciso chamar o religioso capuchinho para encomendar o corpo para que assim as armas fossem tiradas de suas mãos.

As sete e trinta da noite
o ateu se preparou
para matar Frei Damião
e com o revolver atirou
a bala saiu por trás
e no peito dele entrou

Foi grande o alvoroço
quando ouviram aquele tiro
todo pessoal correu
ficou o Frade em deliro
disse ele atirou em mim
porem o tiro foi perdido o tiro

Ai invade a polícia
nesta mesma ocasião
encontraram seu Augusto
morto prostado no chão
a bala entrou no peito
que varou o coração

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

E ele morreu pegado
com o revolver na mão
disseram tirem o revolver
nesta mesma ocasião ai todo povo puxava
mas ele não soltava não

Ai falou um do meio
nesta mesma ocasião
o revolver da mão do morto
só quem tira é Frei Damião
todo povo daqui
não puxe que é ilusão

Ali foi o delegado
falar com Frei Damião
para retirar o revolver
que o morto tinha em mão
que todo povo puxou
mas ele não soutou não

Ai vinha o delegado
junto com Frei Damião
ele benzendo o morto
no pé da testa e na mão

ele foi abrindo os dedos
e a erva caiu no chão.

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

O cordelista diz que esse folheto é uma alerta para o povo do gênio do mal, onde considera ser também o maçom, o ateu e aqueles que não possuem coração e falam de Padre Cicero e Frei Damião. A imagem que se constrói para esses homens que seguem outras diretrizes de percepção de mundo são de seres sem sensibilidade sem coração bondoso, totalmente diferente das atitudes que são atribuídas ao Frei Damião, dando ênfase para entendermos porquê de o Frei ser tão querido pelo povo.

Deus te faça perdoado
no reino celestial
fica isto como exemplo
para o povo do gênio mal

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

Neste último verso encontramos, mais uma vez o pensamento de ser Frei Damião o continuador de Padre Cicero. O cordelista finaliza dando vivas as divindades de sua religião, e a símbolos do sacramento como ao cálice e a pia batismal do qual e deixa para o leitor uma oração para conseguir livramento dos castigos que de forma profética estariam para chegar em 1963. Em fim pede a Deus por sua proteção e lembrando á todos que em forma de respeito a Deus tirem o chapéu na hora de pronunciar Deus Amém, mostrando ainda os traços de costumes religiosos.

Só quem tem raiva dele
e maçom, ateu e crente
só por não ter coração
fala do padrinho da gente
ele é como o padre Cicero
pois em nada é diferente.

Viva Deus primeiramente
segundo a virgem Maria
e viva frei Damião
viva o cálice e viva a pia

Nas costas desse folheto
Uma oração ainda tem para livrar dos castigos que me 63 vem
76 horas de escuro
e chuva de fogo também

Deus proteja este povo
e a Gilberto também
par ler esta oração
que nas cotas ainda tem
e todos tirem o chapéu
na hora de Deus Amem.

(FRANCISCO, 1960, p. 5).

O folheto não traz somente o castigo que caiu sobre a moça que zombou como exemplo, mas também a mensagem de que o ódio pode voltar-se contra a quem deixa esse sentimento se apossa, como também lembra da necessidade de se temer aos castigos que podem advir da desobediência aos ensinamentos de Deus e Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

No folheto “*História do protestante que virou n´um Urubu porque quis Matar Frei Damião*” de autoria do cordelista Manoel Serafim encontramos, mas um exemplo de como os folhetos de cordel são em parte extensões dos valores de seus produtores. Manoel Serafim ao iniciar seus versos pede perdão a Jesus Cristo se caso durante sua escrita não falar a verdade sobre o Frei Damião, mostrando por um momento o seu medo de ser castigado e respeito ao ser supremo.

Jesus cristo perdoe-me
se eu não falar a verdade
sôbre a frei Damião
que ama a humanidade
e trabalha pra ver o povo
no trono da Divindade

(SERAFIM, s/d, p. 1).

Essa forma de iniciar pedindo proteção ou pedindo perdão pode ser vista em outros cordéis também como estratégia para dar maior veracidade ao acontecido, os cordelistas dizem provar o ocorrido, citando nomes das pessoas que conheciam a respeito dos casos, comprometendo-se a ser castigo caso esteja mentindo ou não falando a verdade.

A árdua missão de Frei Damião também é lembrado assim como sua origem mostrando o quanto era forte o missionário, que por amor ao sagrado saiu da Itália com propósito de salvar as almas para Deus e criando adversários.

Eu vou contar a história
do frade frei Damião
quando saiu da Itália
fazendo apregoação

deixou muito protestante
na sua religião

Percorreu o mundo inteiro
trabalhando noite e dia
guiando o povo pro bem
nesta sua romaria
foi chamado pelo povo
para pregar na Bahia

(SERAFIM, s/d, p. 1).

Na Bahia durante uma de suas missões um crente chamado Gastão Quinú também dizia não acreditar em Frei Damião, para ele seu pensamento só mudaria a partir do momento que ele se transforma em urubu. O Frei sabendo dessa história no momento de sua missão diz ao povo que ali estava que em poucos minutos um crente transformado em urubu chegava, o crente transformado vem ao encontro do Frei para pedir perdão, totalmente humilhado. Não podemos também esquecer que o urubu é um animal que não possui nenhuma beleza no imaginário nordestino, comparado ao corvo o urubu é a representação da morte da putreficação da carne não sendo desejado essa ave estar por perto.

Não pretendemos aprofundarmos neste discurso sobre essa simbologia até por falta de fontes, mas acreditamos que o crente associado a um urubu carrega um sentimento antiprotestante que segundo Carlos Ribeiro Filho esse sentimento se explicaria devido “ A religiosidade popular nordestina é de matriz ibérica, romana, pré-conciliar, herdeira direta do catolicismo popular português. É o que com propriedade José Calblin, em sua leitura sociológica do catolicismo latino-americano chama exata e simplesmente de “catolicismo popular”. Esta religiosidade é, em linhas gerais resistente ao movimento de abertura ecumênica inspirada por João XXIII no Vaticano II e, portanto, antiprotestante (FILHO, 2005, p.70 apud LEPARGNEUR, 1977, p.61). Esse cordel faz nos pensar sobre conselho de trino,

Quando chegou na Bahia
na Vila Itapicurú
tinha um crente chamado
um tal de gatão Quinú
só acreditava no frade
se virasse num urubu

E frei Damião Sabendo
disse ao povo presente
povo católico romano
aqui chega já um, crente
virado num urubu

porém não faz medo a gente

Com menos de minutos
naquela ocasião
viram logo uma zuada
igualmente um avião
e chegou um urubu
no pes de frei Damião

Perguntou frei Damião
porque estás transformado
num urubu preto e feio
disse o crente humilhado
porque desfiz no senhor
e no mandamento sagrado

Então estais arrependido?
perguntou frei Damião
o crente disse eu estou
de todo meu coração
disse o frade Deus perdoa
o crente virou cristão

(SERAFIM, s/d, p. 2).

Apesar de ter se livrado do castigo e de ser perdoado, Gastão Quinú insistia em se vingar, sua primeira tentativa falha e mais uma vez ele é castigado.

Arrumo um espingarda
E encheu de munição
[...]
Foi para a beira da rodagem
tocair frei Damião
[...]
Até que frei Damião passando na Bahia
O crente atirou no frade dizendo chego seu dia
O tiro saiu por trás
Deixou-lhe cego de guia

A noite frei Damião
Pregando sua verdade
Chegou o crente dizendo
Me perdoe por caridade
Faça eu ficar bom da vista
Que eu amo a Divindade

Frei Damião disse assim
Com Gastão nova- ceita
Vá a missa e se confesse
Com fé em Deus sem suspeita
Passe de joelho seis horas
Que sua vista indireita
Gastão Quinú não queria

Ouvir nunca a confissão

Mas para ficá bom dos olhos
Botou o joelhoS no chão
Na hora que confessou –se
Viu do mundo A Claridão

O crente ficou em casa
Frei Damião foi embora
O crente ficou dizendo
Ele me paga é agora
Porque fez eu ficar cego
E chamar por Nossa senhora

Fez eu mais ouvir a missa
Bem juntinho dum cruzeiro
Eu dizendo que não
Não via o mundo inteiro
Por isso que me ajuntei aquele catimbozeiro

(SERAFIM, s/d, p. 3-4).

O cordel “*O Jumento que virou gente ou O milagre de Frei Damião*” do cordelista Franque Maxado (1979) além de possuir duas sugestões de títulos é um exemplo das centenas de narrativas que criam um discurso e uma imagem de Frei Damião sendo capaz de realizar milagres. O cordelista neste folheto convoca para dar veracidade ao que escreve a testemunha que lhe contou o ocorrido, enformando- ao seu leitor o nome, e onde o mesmo mora, dando-lhe total liberdade de desmenti-lo caso não esteja falando a verdade. Segundo o cordelista essa história ocorreu nos primeiros anos após chegada do Frei Italiano no Brasil, por isso torna-se diversificada das muitas histórias contadas sobre os milagres. Notamos que o cordelista atribui adjetivos a sua testemunha como “Cristão” “bom cidadão” o que atesta ainda mais sua preocupação em manter uma seriedade para seu trabalho talvez marca já registrada associado ao seu nome.

Levado para celebrar uma missa na cidade de Caicó no estado do Rio Grande do Norte o carro onde viajava Frei Damião é impedido de passar em um dos trechos da empoeirada estrada onde havia um magro jumento que segundo ele estava a pensar. O magro animal não sai da frente do veículo mesmo ouvindo o som da buzina do automóvel que condizia o frei. O chofer que dirigia para o Frei Damião então resolveu descer do carro para bater no animal, mas imediatamente foi impedido pelo Frei que pediu para que o mesmo guarda –se o cipó alegando que o jumento seria um irmão deles. Após a intervenção do Frei o animal teria agradecido para espanto do motorista paraibano José de Almeida Gurgel.

O impossível acontece
fique certo, sim senhor
aqui conto um milagre
e aquele que me contou
pode testemunhar se minto
pois aqui digo o que sinto
e escrevo com muito amor

Todo mundo hoje conta
milagres do Frei Damião
mas não sabe que houve um
passado lá no Sertão
há muitos anos atrás
quando não tinha cartaz
de maior pastor cristão

Foi quando Frei Damião
chegou da Itália pra cá
e um dia lhe levaram
pr` uma missa celebrar
na cidade de Caicó
na estrada só tinha pó
e o sol era de lascar

No meio daquela estrada
estava um magro jumento
que parecia está
absorto em pensamento
e não sai por nada
mesmo ouvindo a buzina
e se sendo esporrento

Aí desceu o chofer
para dá no animal
frei Damião lhe pediu
pra guardar o cipoal
dizendo para o cristão:
-- o jumento é nosso irmão
a ele não faça mal

Este motorista era
José de Almeida Gurgel
morador na Paraíba
em Princesa Izabel
foi quem me contou os fatos
lá na cidade de Patos
debaixo de muito véu

José que é bom cidadão
honesto é trabalhador
jura que ouviu o jegue
agradecer pelo favor
falou e disse: obrigado!
-- Frei Damião seja amado
na terra com muito ardor

(MAXADO, 1979, p. 1-2).

O jumento saiu da frente do veículo deixando Frei Damião passar, com tudo que aconteceu o motorista assustado comete o erro de acelerar, e rapidamente é recriminado pelo Frei que manda lhe parar, nesse momento Frei Damião ao jumento deu benção e assim o mesmo se transformou num belo rapaz. Milagre de Frei Damião? O rapaz disse que foi transformado em animal para pagar pelo seu pecado de ter zombado de Padre Cicero e de seus ensinamentos. Mas uma vez encontramos uma lembrança a santidade e afeto por parte do povo do sertão em seu imaginário.

Quando Zé parou o carro
o frei virou-se então
para frente do Jumento
e lhe botou a benção
o jegue se transformou
num belo rapaz virou
e lhe pediu o perdão

Disse que ficou jumento
para pagar o seu pecado
do tempo em que era besta
e do padrim Ciço, zombado
riu do seu ensinamento
por isso virou jumento
e fica sempre emburrado

(MAXADO, 1979, p. 3).

Neste folheto a pesar de seu contexto tratar de uma temática religiosa em que seu narrado usa o nome de dois santos populares, traz átona a questão sobre origem da espécie humana apoiado no cientificismo assim como dos animais serem bichos irracionais, ou seja, impensantes.

-o jegue é um animal da classe irracional
mas não é assombração

-

-O homem também já foi
um bicho peludo e bruto
mas começou a pensar
o hoje deu este produto
ninguém pode desdizer
que o jegue não possa
ser amanhã um ser astuto
Tudo é a evolução
do macaco nos saímos

por isso que o jegue é burro
é porque evoluímos

(MAXADO, 1979, p. 4).

A matança desse animal para o consumo também causa indignação no cordelista que afirma estarem matando esse bicho indefeso apenas por pura maldade, se esquecendo do bem que ele faz para o homem do sertão, já que é na seca que este animal mostra sua potencialidade, sua serventia aguentando a falta de comida de água e as judiações quando obrigado a puxar carroças pesadas.

Se estão matando jumento
hoje pra comer
é porque o homem é mau
e não tem o que fazer
podia agradecer mais o bem que o jegue lhe faz
e lhe dá até prazer

Pois é quem aguenta a seca
quando chega no sertão
ele só falta comer pedra
pra aguentar aflição
pois passa sem beber água
e não guarda sua mágoa
quando fazem judiação

(MAXADO, 1979, p. 5).

Assim é possível observarmos que além desse cordel falar de um milagre é possível também, que ele veicula conteúdos de conscientização contra o maltrato dos animais, nesse caso o jumento um animal que é muito utilizado, mas que tem seu valor histórico pormenorizado, sendo discriminado pela sua aparência quando comparado outras espécies e porte físico aparentado como cavalos, muares, camelos, zebras e etc.

O cordelista ainda informa que, o Frei no momento da publicação desse folheto estaria vivo, sendo mais uma testemunha apta a desmenti-lo se não for verdade o que dizia. Esse cordel pode ter alcançado satisfatória vendagem ao utilizar-se dessas formas de garantir veracidade.

O autor brinca e critica ainda com a utilização do órgão sexual do animal que por seu avantajado lhe dá, mas um adjetivo pejorativo de ser um bicho imoral.

Acham que o mestre jegue
é um bicho imoral

porque tem a coisa grande
 mas se ele é animal
 dá as horas onde não
 tem relógio no sertão
 com ponteiro original

(MAXADO, 1975, p. 8).

Para finalizar o autor deixa como exemplo, o caso do rapaz que tomou forma de animal como alerta para aqueles que ousam ou pensam em pecar.

M- al fica aquele que faz
 A- alguma coisa de errado
 X- oxa, ou cresce demais
 A- té que fica visado
 D- e animal toma a forma
 O- exemplo esta dado

(MAXADO, 1975, p. 8).

Portanto, os enredos dos folhetos tratados neste capítulo deram ao imaginário popular um alcance maior, a circulação editorial fez com que estas histórias, produzidas e reproduzidas ganhassem popularidade, o corpus poético se espalhou pelas feiras. De boca em boca e de mala em mala, viajantes, peregrinos, o povo simples das cidades e do campo passaram a contribuir para essa circulação das imagens discursivas de Frei Damião, os enlaces narrativos que envolvem os fatos e os acontecimentos em torno da figura do missionário capuchinho. Tudo isso faz parte de uma rede de sociabilidades de falas que se cruzam, criam, recriam e dão visibilidade a Frei Damião por meio do cordel.

CAPÍTULO III

3-QUANDO AS CAPAS TAMBÉM FALAM: ANALISADO AS CAPAS DE CORDEL SOBRE FREI DAMIÃO DE BOZZANO

Os primeiros folhetos de cordel publicados que se tem registros datam de 1893 e são de autoria de poeta paraibano Leandro Gomes de Barros que deu início no Recife a um processo de editoração da literatura popular impressa do Nordeste, sendo seguido por Francisco das Chagas Batista que começa a publicar em 1902 e João Martins de Athayde em 1908. Leandro foi sem dúvida o primeiro a produzir regularmente folhetos, possibilitando assim o alargamento desse processo editorial e a propagação desta literatura popular em uma escala de fabricação dos folhetos iniciando uma “indústria” da cultura popular. Toma forma um conjunto de textos em permanente reedição. Tem início um processo peculiar de produção e comercialização e constitui-se um público para esta literatura (TERRA, 1983, p. 17).

Os folhetos de cordel são narrativos que tracejam sobre a herança das temáticas da literatura oral, onde em voz alta o cantador urdia desafios sobre o cotidiano, e pelejas cantadas na companhia do som de uma viola nos espaços das fazendas. Mas o aparecimento de narradores brasileiros que introduziram novas temáticas ao consagrado repertório europeu e a circulação dos poemas através dos jornais propiciaram as condições favoráveis para consolidação deste gênero literário (MELO, 2010, p. 57).

Com uma diversidade de assuntos o cordel, histórias narradas em forma de rima, eram impressos inicialmente em tipografias de jornais localizados nos grandes centros urbanos, como exemplo a cidade do Recife, a partir da 1918 é que passam a ser impressos em tipografias de propriedade de poetas populares quando estes conseguem adquirir condições para um produção sistemática de cordéis através da compra de prelos (maquinário para editoração do folheto de cordel), que são pequenas máquinas impressoras adquiridas por poetas populares ou mesmo outros agentes culturais que a imprimiam os folhetos dos mais variados. Dessa forma registrou-se no início do século XX a existência de 20 tipografias que imprimiam folhetos entre 1904 e 1930 espalhadas entre Recife e Paraíba (TERRA, 1983, p. 24).

Confeccionados em papel barato, os folhetos eram vendidos a preços acessíveis. Destinavam-se a um público heterogêneo sem perder de fato que no Brasil, a intimidade com o mundo da leitura e da escrita era privilégio de poucos. A leitura desses frágeis livros tinha finalidades diversas: ajudava a aliviar o fatigante trabalho agrícola estava presente nos momentos quando as pessoas se reuniam para ouvir as narrativas em verso e as ‘histórias de

trancoso”, e com histórias do ABC, contribuía para iniciar os leitores no restrito universo da escrita (MELO, 2010, p. 59).

Levando em consideração todo o historio social da região nordeste no início do século XX, onde maioria da sua população era analfabeta e viviam no campo Terra (1983) coloca que:

(...) a leitura de um folheto podia ser feito em voz alta para um grande número de pessoas Pode-se falar, em relação à literatura de folhetos, de um “público de auditores”, expressão utilizada por Antônio Candido para designar a elite analfabeta que no Brasil escutava, em saraus e reuniões familiares, a leitura de “romances e poemas, o que era muito frequente até o início deste século (TERRA, 1983, p. 35).

Assim os folhetos poderão se desenvolver em toda sua especificidade devido existir uma tradição de leituras com ouvintes, as histórias por serem escritos em versos como já dissemos era de fácil memorização. O folheto, reedições dos romances de tradições europeia passaram a ser versificadas e amplamente memorizadas graças a essa técnica. Em meio a um momento de mudanças no Brasil os cordéis passam a abordar não apenas temáticas tradicionais, mas também temas relacionados aos acontecimentos de época como os eventos sociais e políticos. Funcionando como um jornal do povo os folhetos revelavam atitudes e emitiam julgamentos, abordava os acontecimentos que atingiam o homem do campo e da cidade, como os eventos climáticos, seca e enchentes, o aumento dos impostos, a carestia, crimes e etc.

Ao falar sobre as temáticas dos folhetos encontrados no acervo do poeta José Bernardo da Silva, a historiadora Rosilene Alves de Melo nos informa que,

O acervo de José Bernardo da Silva era formado por folhetos que evocavam a religiosidade dos devotos [...] Para aqueles que procuravam notícias dos últimos acontecimentos, dos fatos do cotidiano e dos problemas sociais, José Bernardo da Silva oferecia-lhes folhetos que retratavam as calamidades que afligiam a população; a carestia, as secas, a fome, os altos impostos a corrupção dos governos. Para cada um destes flagelos havia poetas prontos para traduzir em verso a indignação popular (MELO, 2010, p. 56).

Prestando atenção nessa informação os folhetos de Frei Damião são em grande maioria narrativas com temáticas que evocam a exaltação da fé, com o combate ao protestantismo ao jogo, aos pecados mundanos/corrupção responsáveis pela aproximação do fim dos tempos. Os folhetos de cordel não são apenas versos alienados e simples como se pressupõem a partir do primeiro contato que se tem com eles, mas sim um suporte editorial que veicula a linguagem popular e que expressa seus interesses, seus temores, seus problemas.

De acordo com Geice Perer Nunes (s/d, p.2) o poeta projetava-se na cantoria de forma ambígua, pois não era propriamente um “reacionário”, mas “antes de tudo um “conservador.” Essa colocação nos faz refletir a respeito do conteúdo dos folhetos e, assim inferirmos que mais do que conservadoras, as ideias neles defendidas pareciam apresentar submissão às práticas sócias vigentes. Na esteira desse pensamento os folhetos davam indícios de uma religiosidade fortemente vinculada aos valores de um contexto sócio cultural específico, que defendia a conduta orientada pelos valores cristões, a necessidade de agir de acordo com a moral social e para conquistar uma eternidade esboçada como o paraíso (NUNES, s/d, p.2).

Como homem do povo os cordelistas se mostram na maioria das vezes alicerçado na fé, temente aos castigos divinos, crendo em superstições, credices, histórias de milagres, histórias de trancoso, as quais passam ser fruto de inspiração para construir narrativas que nascem no seu imaginário, mas isso não apaga a existência da possibilidade desses cordelistas terem tido contato com outras leituras como jornais, revista que possibilitavam a circulação de temas que contribuía na criação de enredos.

Segundo Rosilene Alves de Melo (2010) a consolidação da produção de folhetos foi decorrente da formação de uma articulada rede de poetas, agentes e, sobretudo, de uma comunidade de leitores-ouvintes espalhado pelas vilas, engenhos e fazendas de gado (MELO,2010, p. 59). Esses leitores ouvintes passaram a ter seus gostos identificados o que fariam com que os temas de maior importância fossem produzidos como as missões de Frei Damião, os milagres, os discursos que apresentava esse enquanto santo. A relevância das narrativas construídas pelos cordelista odeia se dar pela popularidade da história, que em especial no caso do Frei, ganhavam lastra atenção do povo em geral fazendo com que o cordel fosse não só vendável, mas fosse mecanismo de legitimação daquela história narrada em verso.

Neste sentido, não só a narrativa textual ganhava o status de veracidade, mas também as capas que se constituía como narrativas visuais do enredo traçado. A composição de Frei Damião como um personagem, o santo, o padroeiro do povo, o conselheiro das missões, aquele que vem para confessar os pobres e fazer os alertas do pecado, além de precipitar o julgamento daqueles que andavam em desalinho como que dizia o “santo evangelho”. A figura dos castigos também está presente nessa composição, as transformações místicas e aberrantes dadas pelo castigo de desafiar ou proferir injúrias contra o santo Frei enviado de Deus e sucessor de “Padin Pade Ciso”.

A capa do cordel compõe assim a narrativa visual, a composição simbólica e oculta, funcionando como uma fonte de chamamento de maneira atrativa para conseguir envolver o leitor que em sua maioria composta de analfabeto e que eram envolvidos pelas imagens que

expressavam o princípio da narrativa que viria a ser o corpo poético do cordel, a capa funciona como a vitrine do cordel, o artifício do chamamento que embriaga o leitores da imagem atrativa, dando a ele a perspectiva visual de antemão conhecer e reconhecer a história que ali é contada.

Sendo assim, a circulação visual do cordel era também um mecanismo de fixação das histórias identificadas com as figuras das capas do cordel. Em sentido prático, ver e contar é criar e recriar uma memória visual ambulante daqueles que produziam e consumiam o cordel enquanto material da produção cultural, constituindo a representação adaptada da realidade social e cultural do lugar, aqui compreendido principalmente como o Nordeste.

3.1. Produção e consumo da imagem do cordel.

No percurso da história da imagem as ciências que se debruçaram sobre seus sentidos e representações antes mesmo da história, como a antropologia, a sociologia e arte, nos deram as informações necessárias para pensar sobre a sua circulação. O sentido de circulação que procuramos entender está intimamente ligado as formas de recepção da mesma, de como a imagem é recebida a partir do tripé produção, circulação e consumo, percebido aqui como o sentido não apenas linear de uma lógica de consumo dessas imagens, mas de um sentido de como ela é dada a ler e pensada como objeto de estudo.

Sendo assim, as imagens das capas de cordel a partir de sua produção, circulação e consumo importa-nos buscar entender como estas são lidas e quais os sentidos que a elas podemos atribuir. Isso por que, para além desta relação anteriormente apresentada as imagens do cordel são de uma variabilidade representativa muito mais ampla, há um “leque que se respira” que se abre a quem a vê e recebe sua representação, sua narrativa visual multifacetada.

Assim, ao pensarmos sobre a historicidade da imagem podemos entender que,

Toda a imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivelmente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura (MAUAD, 1996, p.15).

Neste sentido, a capa do cordel expressa significados múltiplos e variados, a imagem de Frei Damião compõe faces e visibilidades que foram compostas para expressar uma narrativa, representar um fato, enquadrar uma dada realidade social e cultural que foi observada e

conhecida por uma lista de agentes da cultura que recolherem histórias, produziram narrativas estruturadas e recriaram imagens conforme suas interpretações. Também não deixaram de inventar histórias por sua própria imaginação, pois, Ruthi Terra (1983) assim reproduz a fala de João Martins de Athayde: “Em alguns me aproveitei do que noticiava o jornal, noutras do que me contava a boca do povo. E em algumas não me baseei em fato nenhum. Imaginei o caso e fiz os meus floreios” (p. 46-47). Esta lógica é a de impressão da imaginação que compõe o a narrativa verbal e será impressa na narrativa visual.

Esta relação multiface está presente na principal imagem do cordel: a capa, lugar de sentido e de representação visual. A capa abre o cordel dando ao leitor (seja ele alfabetizado ou não) a possibilidade de criar a sua primeira impressão mental do que foi lido e até mesmo recriar uma memória visual a partir de uma lembrança do leitor já que as histórias contadas no cordel eram objeto de circulação da oralidade também, daí a vem a dupla função do cordel que nos possibilita mais de uma leitura.

Impressas em papel pardo, as capas de cordéis são muito mais do que uma mera página que contém uma imagem, simples ilustração, figura, gravura ou desenho, que servem apenas para deixar o texto mais colorido, menos pesado, mais chamativo para leitor (PAIVA, 2004, p.17). É a canalização do imaginário social, da imagética contida no desenrolado do enredo poético construído para a circulação e o consumo dessas imagens.

Sobre imagens, FILHO e MELO (s/d) dizem que,

A imagem, possui o poder de adquirir significados diversos quando reproduzida ao longo do tempo e em outros meios, evocando nos seus leitores as mais diversos acepções e memórias. De outra forma, ela possui a função de perpetuar e “fazer lembrar” determinadas mensagens e recordações de tempos passados, assim, como remeter o leitor ao mundo icônico do editor, o qual, não escolhe uma imagem apenas para ilustrar e deixar o cordel esteticamente mais bonito, mas para transmitir múltiplos significados e lembranças, possibilitando aos leitores, o acesso e diálogo com os mais diversos produtos sociais e culturais, como a TV e o cinema (p. 8).

Desta forma os autores nos informam que a imagem é também um mecanismo de construção de memória, algo que remonta a um exercício de lembrar como um objeto que traz à tona um espectro de lembrança de algo que dá sentido à narrativa. A imagem editada e utilizada para representar algo funciona como um portal de abertura para o imaginário do leitor, que há recepciona, decodifica-a visualmente e faz dela seu mecanismo condutor memorial.

De modo que, o corde possuindo capas ilustradas com vinhetas que servem para separar os títulos do poema de outras informações, funciona como arte visual, ilustrativa e informativa.

Nas capas de Cordel de Frei Damião, por exemplo, encontramos o uso de imagens impressas nas técnicas de clichê e xilogravura, elas são representações simbólicas das narrativas encontradas nestes cordéis. Ilustram o enredo das “Santas Missões” e de outros episódios que envolvem o Frei. Esteticamente, correspondem a canalização do diálogo do poeta (editor ou não) com seu público leitor, expressa nas experiências múltiplas ou singulares, que segundo Mauad (2016) é preciso pensar e refletir que,

[...] a produção das imagens como um ato simbólico e as imagens nascem da necessidade de simbolização. Trata-se de uma experiência histórica, pois as imagens se reciclam no processo contínuo de produção de sentido, daí a possibilidade de as imagens como símbolos acamparem em corpos diferentes e se tornarem novas imagem em novas processos de simbolização (MAUD, 2016, p. 115 *apud* FILHO, 2016, p. 11).

A capa de um folheto dentro de outro folheto transita como objeto de produção de uma simbologia, estética, e visual que possibilita esta leitura multifacetada por parte de quem recepciona o folheto. As impressões contidas nesta recepção podem se manifestar de várias maneiras e fazer com que o leitor adote posturas de reprodução memorial ambientadas em suas vivências. A capa do folheto é o objeto de primeira impressão de leitura, de visualização que expressa: a autoria, a intenção e a própria narrativa cordelística.

3.2. Dialogando com as capas: a percepção do cordel como objeto da produção cultural imagética.

Produzido com características gráficas específicas para se difundir entre leitores pouco familiarizados com a escrita, os poetas editores de cordel aprenderam a utilizar a capa como um espaço privilegiado para associar o texto escrito a uma imagem, potencializando a fixação do título do poema e da narrativa em verso na memória dos leitores. A imagem presente não é uma mera ilustração do texto, mas uma linguagem produtora de sentidos e significações (FILLHO, MELO, p. 4-5).

Seguindo essa informação o ponto do capítulo propomos analisar um conjunto de nove capas de cordel encontrados nos acervos Átila Almeida e José Alves Sobrinho sobre os milagres, de Frei Damião. Vale salientar que alguns desses folhetos já tiveram seus textos analisados no segundo capítulo.

Frei Damião de Bozano chegou ao Brasil em 1931 com 33 anos de idade na condição de missionário capuchinho para disseminar as missões em meio à tradição do catolicismo

popular nordestino, mas é a partir de 1940 que o Frei intensificou suas andanças pelo interior do Nordeste pregando o evangelho.

No folheto *História do protestante que tirou a barba de Frei Damião*, sem local, sem data de publicação, de autoria do poeta Sebastião Bernardino da Silva observa-se uma narrativa em que Frei Damião aparece realizando uma Santa Missão em Minas Gerais onde um ateu protestante discursava diariamente contra Deus, Nossa Senhora e a Igreja Católica. O protestante que tinha como ofício ser barbeiro é castigado após tirar a barba de Frei Damião, no qual após uma hora de reza aparece em público com sua barba, mais um milagre de Frei Damião e como forma de castigo o barbeiro viu sua barba crescer descontroladamente passando a chamar a tenção.

A imagem assim dialoga com título que lembra que Damião de Bozzano possuía uma barba da qual foi tirada pelo protestante, mas que ao mesmo tempo conta ser ele um Frei por ter características que lembram os membros dessa ordem como vestimenta o semblante de humildade a barba o cinto de corda. Na parte textual também indica que o cordel trata da chegada de Frei Damião o que nos leva a acreditar que o cordelista cria uma história que se passa ou passou nos primeiros anos de missão do Frei no Brasil já que usa de uma imagem do capuchinho enquanto jovem.

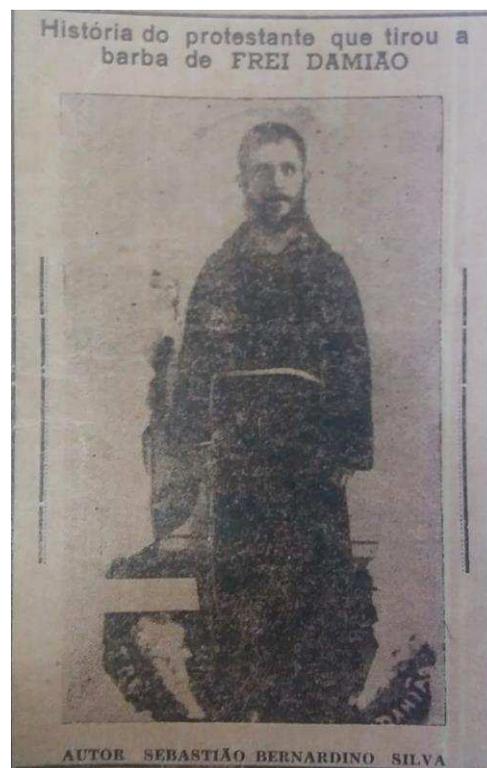


Imagem 1: “*História do protestante que tirou a barba de Frei Damião*” (BERNARDO, s/d).

Mas o que chama a atenção nesse folheto é a capa utilizada pelo cordelista. Na parte superior do folheto encontramos o título que remete ao leitor ao texto, a imagem que está no centro trata-se de um clichê de uma fotografia de Frei Damião tirada em 1936 quando ele tinha 38 anos. Na imagem é possível vermos o frei trajando a tradicional vestimenta da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da família Franciscana o capuz. É perceptível também observarmos que o Frei apesar de ter pousado para essa foto muito jovem possuía barba que é dos símbolos que caracterizam os membros dessa ordem religiosa Italiana que surgiu por volta de 1525.

Como já dissemos antes o Frei é lembrado pelos devotos como sendo um homem Santo cheio de virtudes e com o poder de obrar milagres, no folheto o “*Exemplo da crente que profanou Frei Damião*” de propriedade do poeta Olegário Fernandes publicado possivelmente em 1947 conta mais uma história de embate entre o catolicismo e o protestantismo. No folheto o cordelista narra sua viagem até o Juazeiro do Norte, conhecida mundialmente por ser um lugar sagrado que tem como ponto de peregrinação o morro do Horto onde está a estátua de padre Cicero anualmente visitada por grandes levas de romeiros devotos que já o consagrou como santo nordestino

Durante sua viagem o poeta testemunha uma cena de avareza cometida por uma protestante. A mesma nega-se a ajudar um grupo de romeiros de Padre Cicero que ficaram presos em meio a uma estrada deserta, quando esses com fome e sede buscam ajuda na fazenda da protestante que os manda de forma irônica procurar a Frei Damião A protestante passa a blasfemar, duvidar dos famosos poderes do capuchinho. Dizendo que só acreditava no santo se o mesmo a transformasse num bicho/Barbudo e feio /como ele. A comparação com um bicho feio representa algo escuro tenebroso sem luz, sem estética agravável no qual lembra o inferno lugar de sofrimento e dor.



Imagem 2: *Exemplo da crente que profanou de Frei Damião* (FERNANDES, 1947).

Na capa deste folheto encontra-se na parte superior o nome do editor proprietário separado do título. Por uma linha. Do lado esquerdo inferior observamos a presença de um clichê de fotografia do missionário, sentado em uma cadeira com o braço direito apoiado sobre uma mesa que indica estar descansando, observando ou esperando algo. Do lado direito encontramos uma xilogravura de um ser que parece ser um bicho que se ergue flexionado seus joelhos para frente caminhando com seus braços na direção do calmo e sereno Frei Damião. Essa imagem diálogo com o texto mostrando em que se transformou a crente ao profanar de Frei, ela ao pedir para virar um monstro transformou num bicho feio com calda que lembra muito a figura do diabo, o guardião e chefe do inferno.

Severino Carlos, poeta popular em seu folheto intitulado. “*Um Aviso de Frei Damião e os Mistérios das 3 Pedras de Carvão*” utiliza –se de uma capa com uma imagem que dialoga com texto.



Imagem 3: *Um aviso de FREI DAMIÃO e os Mistérios das 3 Pedras de Carvão* (SEVERINO, s/d).

Composta por uma moldura com pequenas flores nos quatro cantos da capa, a imagem em xilogravura do folheto analisado traz no centro de sua página uma cruz iluminada em meio as nuvens que significa o paraíso, a casa do pai celestial local destinado para os homens bons e justos dever ir. A cruz sustenta uma coroa de espinhos e uma bíblia aos seus pés. Por traz da cruz é possível observamos a existência de uma pirâmide que da noção de profundidade.

Frei Damião prevê que a década de 70 seria um tempo de tormento, onde todos os homens sofreriam com uma era cheia de violência, secas e carestia. O pior seria a vinda de besta fera representada pelo símbolo 666, que sairia batendo de porta em porta laçando pessoas das quais só se salvariam as que confiasse em Jesus e que possuísse o retrato da Virgem da Conceição. O Frei ainda avisa que para se livrar da besta mostra-se a cruz porque essa seria a verdadeira luz dos martírios e paixão por nós do Amado Jesus.

As imagens da cruz com a coroa significariam que Jesus foi é na verdade, um rei do qual um dia todo o universo ira se curvar assim como a besta fera quando a viesse representante do mal porque Jesus é o rei dos reis. E todo mal se curvara. No final do folheto o Frei faz referência a necessidade de se ler a bíblia sagrada, porque cristo em breve virá. A bíblia na imagem então ilustra o pensamento talvez de que a bíblia é o relacionamento entre Deus e a humanidade onde estaria contida os ensinamentos, quem houve ou lê tem diante de si dois caminhos a escolher: rejeitá-lo, viver como se não fosse verdade ou aceitá-lo de acordo como Deus nos ensina



Imagem 4: “*Os Sinais do Fim do Mundo e as 3. Pedras de Carvão*” (LEITE,1980)

Ao analisarmos a capa do folheto “*Os sinais do fim do mundo e as três pedras de carvão*” publicado aproximadamente na década de 1980 de autoria do poeta Jose Costa Leite observamos a utilização de um clichê de fotografia de Frei Damião a esquerda, separado pelo nome do autor localizado no centro da capa, da imagem também em clichê de Padre Cicero do lado direito. Possuindo temática sobre profecias, encontrado também no folheto anterior analisado, o poeta conta uma história de uma profecia realizada por padre Cícero a uma beata sobre o fim do mundo e a vinda da besta fera.

Nessa capa a imagem de padre Cicero em primeiro plano quando colocada na posição vertical nos possibilita compreender o grau de importância atribuído ao religioso, sua santidade, seus poderes, suas famas de conselheiro são lembradas. O uso da imagem do Frei em segundo plano reafirma a o discurso de que o primeiro santo foi embora, mas que deixou um sucessor para guiar cuidar do povo desamparado. Que assim como os romeiros confirma antes de tudo na santidade dos poderes e as profecias e milagres feitos por ele.

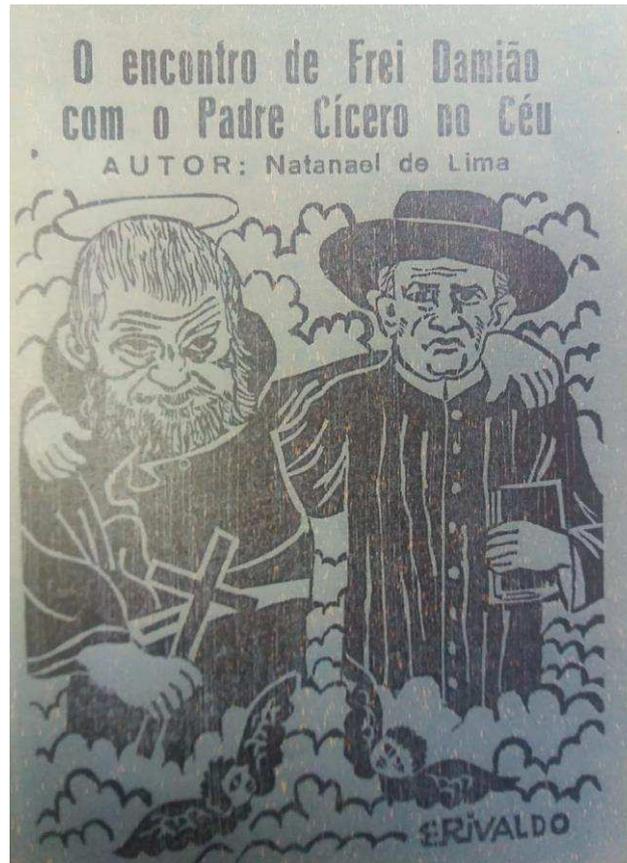


Imagem 5: *O encontro de Frei Damião com Padre Cícero no Céu* (LIMA, 2007).

Uma outra capa que nos chamou atenção e que simboliza uma ligação harmoniosa entre esses dois “Santos” populares é a xilogravura usada no folheto “*O encontro de Frei Damião com Padre Cícero no Céu*” escrito pelo poeta Natanael de Lima em 2007 após dez anos da morte de Frei Damião.

Na imagem Frei Damião aparece do lado esquerdo de Padre Cícero com uma aréola, anel de luz que circunda sobre sua cabeça usado para indicar o quanto a pessoa é santa. Na sua mão direita segura a cruz que simboliza a morte de Cristo como sacrifício para nossa salvação e reconciliação com Deus e sua ressurreição.

Sacrifício que o Frei fazia diariamente para levar o evangelho durante suas santas Missões, enfrentando longas distâncias, viajando de trem, carro e a cavalo por toda a área que abrangia o interior dos estados nordestinos, vivendo incansavelmente para Jesus e salvação das almas pregando de noite e dia. Padre Cícero assim como Frei Damião o abraça e ambos se misturam mostrando uma amizade e uma ligação que diz iconograficamente o Frei era o seu sucessor. O padre com braço esquerdo segura a Bíblia representando a Igreja Católica e os ensinamentos de Deus. A imagem trabalha o encontro de Padre Cícero como que o povo acreditava ser seu

substituto na terra Frei Damião que durante 60 anos pregou, rezou, aconselhou como o padre fez durante sua passagem na terra.

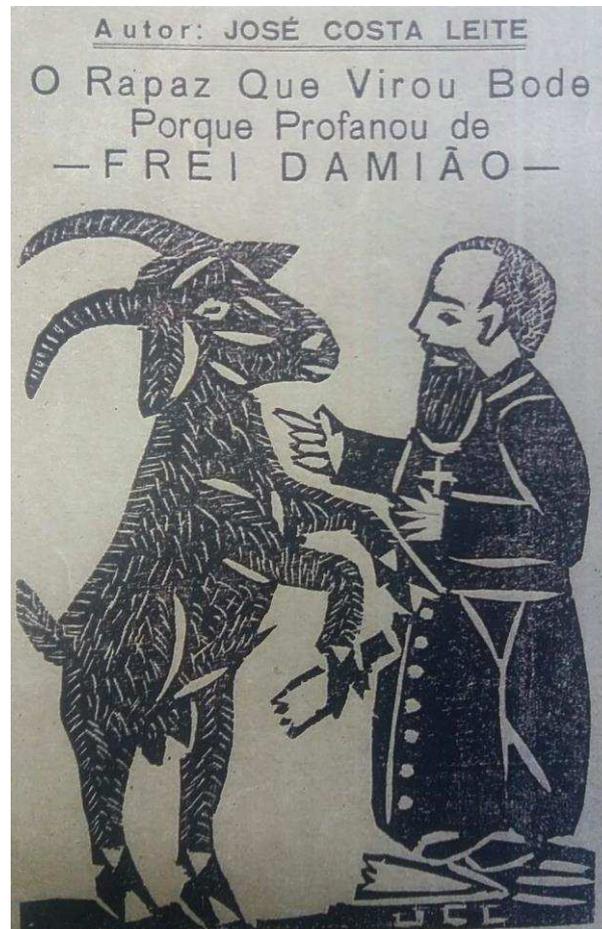


Imagem 6: “*O Rapaz Que Virou Bode Porque Profanou de Frei Damião*” (LEITE,1950)

A xilogravura do cordel “*O Rapaz Que Virou Bode Porque Profanou de Frei Damião*” também pertencente a José Costa Leite traz como elementos a figura de um bode que se ergue sobre suas patas traseiras e sustenta uma faca na qual a lamina se voltada para o seu corpo fazendo menção a parte do texto que o rapaz sai destinado a matar o religioso , na frente do animal Frei Damião segura na mão esquerda uma cruz enquanto aponta com o dedo indicador da mão direita como se estivesse ordenando algo possivelmente transformando o rapaz em bode. Mas por que a transformação em um bode? Desde a Idade média o bode foi associado a imagem do diabo, usado em práticas de bruxaria, o corpo do animal serviria como aprisionamento de almas, assim o rapaz ao se transforma em bode estaria prezo.

No imaginário social sobre chegada do juízo final foi comum utilizar os bodes para simbolizar as almas aprisionadas condenados ao inferno, símbolo de impureza ou maléfico. Acreditamos que esses pensamentos sobreviveram a travessia do atlântico e se enraízam no

universo de superstições sendo passado pela oralidade o rapaz vira por intermédio do sagrado um animal que representando um instrumento de aprisionamento, do qual lê foi transformado por estar com seu coração cheio de sentimentos maldade e condenado torna- se bode símbolo de maldade, perversidade.

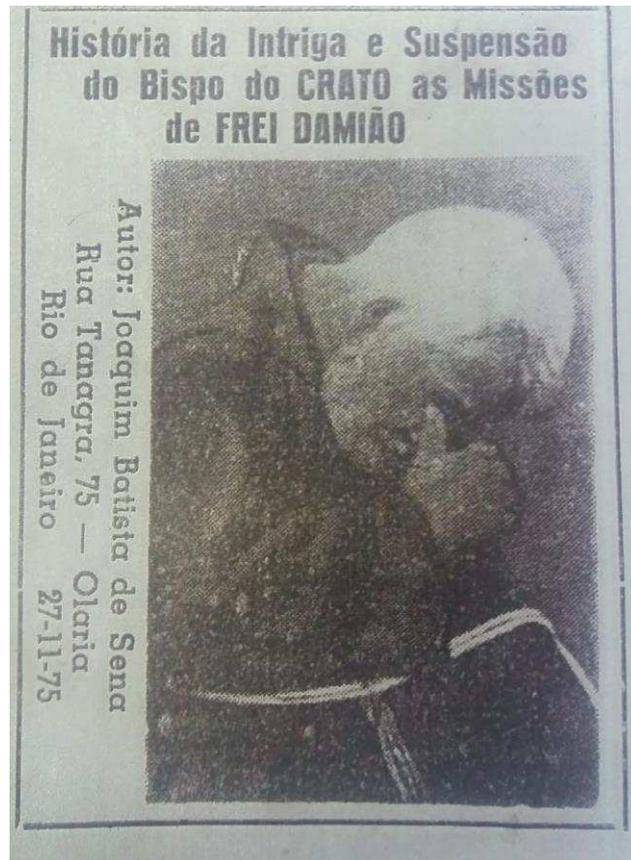


Imagem 7: *História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato as Missões de Frei de Damião* (SENA,1975)

Contendo informações como o nome do autor, seu endereço e data de publicação a capa do folheto “*História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato as Missões de Frei Damião*” de autoria do poeta Joaquim Batista de Sena publicada (1975) assim como outras capas por nos analisadas tem impresso uma imagem de clichê de fotografia. Na imagem, o Frei aparece com seu corpo curvado, já com os cabelos grisalhos, com a cabeça baixa cobrindo com a mão o seu rosto tentando esconder as lágrimas causada pela dor que sente ao escutar tantas ofensas

A capa, portanto, reproduz o quanto Frei Damião ficou abalado por não poder mais realizar as santas Missões, ele já idoso evoca na memória dos leitores sua maturidade e sabedoria e o quanto ele era forte. Acenando para a falta de respeito bispo invejoso ao trabalho

de anos do capuchinho. A imagem remete também o quanto o Frei era forte, mesmo durante sua velhice seu descanso era continuar a evangelizar por meio das santas Missões.



Imagem 8: Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Porquê (BATISTA, 1983).

Tendo a imagem como uma modalidade de comunicação a xilogravura encontrada no cordel “*Proibição do Bispo do Crato Contra Frei Damião e o Porquê*” tem a intencionalidade de fazer o leitor identificar logo de imediato o teor da história narrada. Nesse caso o que nos chama a atenção é a representação do bispo enquanto o inimigo de Frei Damião no folheto, por perseguir Frei Damião e a religião do povo. Frei Damião a partir do Concílio Vaticano II, passou a sofrer boicotes por parte de alguns bispos que passaram a não permitir a realização de suas santas Missões entendendo que o seu conservadorismo atrapalhava a renovação pastoral.

No cristianismo a serpente é associada ao mal, réptil traiçoeiro e venenoso, calculista já que espera o momento certo para dar o bote na sua presa, o Frei assim estaria sendo perseguido por quem mais ele respeitava e defendia a igreja. O Frei agachado simboliza o que a ordem do bispo tentava negar o clarão/ que ilumina a pobreza /do imenso sertão, retratado na imagem a partir de traço de luzes que circunda o seu corpo indicam ser ele uma pessoa santa.

O Frei agachado com a cruz em sua mão também tem uma razão, estaria ele no meio dos pobres já que se encontra próximo do enfermo ou a pratica que o mesmo tinha de haver confissões ao pé de seu ouvido que vai acarretar na no seu problema de coluna anos mais tardes segundo sua biografia. O bispo por estar em pé refere-se a parte do texto que demonstram o afastamento existente entre o povo e igreja no qual não compreende os anseios do povo e o seu catolicismo popular o quando o cordelista diz o Bispo é rico e autoridade /e o frade é pobre da multidão.



Imagem 9: O terrível castigo para os ladrões que foram roubar Frei Damião (SANTOS, s/d).

Em o “*O Terrível Castigo Para os ladrões que foram roubar Frei Damião*”, folheto produzido pelo poeta popular Romildo Santos, encontramos a história de dois ladrões que arquitetaram um plano diabólico para roubar o padroeiro Frei Damião, mas que acabou voltando se contra estes.

O poeta na intenção de expressar na capa o teor de sua narrativa usa uma xilogravura que contém três personagens onde os dois homens a esquerda, representam os ladrões. Esses estão segurando uma laça de duas pontas que ao ser lançada é segurada e rebatida de volta pelo demônio.

A imagem então remete ao leitor a ideia de que quem pratica o mal contra o outro, faz isso para ele mesmo quando no folheto encontramos o verso que em que o frei fala ele quis fazer-me o mal/ foi ele quem se feriu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Frei Damião, onde andaré Frei Damião
Deu-lhe o destino, viver nordestino
É hoje o nosso irmão

Quando o galo canta na madrugada
Já toda gente de pé benze na procissão
Numa marcha santa dentro da alvorada
Vai na frente o homem, o quase santo frei Damião
Com a reza e a campa, desperta canta
Já chegou o tempo ninguém perca tempo vamos pras missões
Pecador se ajoelha
Em Deus quem se espelha
Só pode ter de Frei Damião sua proteção
(Janduhy Finizola - LP: SANGUE NORDESTINO; 1974; Odeon).

“Frei Damião, onde andaré Frei Damião”, assim diz Janduhy Finizola, compositor da música que foi interpretada pelo consagrado cantor nordestino, Luiz Gonzaga numa gravação de 1974. O trecho da música é um clamor que ressoa a voz do povo pobre, católico e acima de tudo, nordestino. E é com estas informações que aqui buscamos dar um desfecho a nossa trajetória da pesquisa e que este trabalho possa despertar outras discussões.

Sendo assim, após toda jornada na busca de fontes, análises dos documentos, textos de suporte, leituras teóricas e metodológicas chegamos ao momento de fazermos as últimas considerações sobre o trabalho, pois uma pesquisa nunca está completa, ela sempre necessita de ser lapidada por outros, principalmente os leitores, isso porque, as lacunas são possibilidades presentes a todo momento e não podemos jamais dar cabo do todo em história.

De outra maneira certamente o cordel e os discursos sobre Frei Damião de Bozzano serão abordados, debatidos, interpretados e questionados por outros olhares. Pois é possível haver outras formas de falar sobre o capuchinho em outras fontes, com outras abordagens e outros recortes. Estes certamente acontecerão.

Portanto, esta pesquisa que teve como objetivo analisar narrativas cordelísticas de acentuada ênfase nas passagens e sermões de Frei Damião presentes no cordel, tendo em vista suas andanças pelos estados nordestinos, fixou-se na tentativa de compreender como estes elementos narrativos aparecem na literatura popular e mais ainda, como contribuem para a construção e propagação discursiva sobre Frei Damião.

Nossa proposta de estudo tomou assim o cordel como fonte e a análise histórico-cultural como embasamento teórico, possibilitando um diálogo com os autores utilizados, o que nos moveu a pensar as perspectivas históricas de tratar os conceitos de catolicismo romanizado,

imagens dos cordéis, construídas no seu sentido editorial e o discurso imagético a partir da recepção das capas destes cordéis, elemento representativo e visual da narrativa poética.

Para tanto, no primeiro capítulo propomos apresentar todo o caminhar da pesquisa mostrando o quanto ela parte de questões pessoais e acadêmicas, a nossa busca pelas fontes em acervos e o porquê da utilização dos cordéis enquanto fonte de representação das práticas discursivas e elaborada como modo de propagação de imagens de Frei Damião.

No segundo capítulo buscamos apresentar a problemática da pesquisa que girava em torno das fontes do cordel que trazem as narrativas imagéticas sobre Frei Damião e o seu trabalho de evangelização no meio de uma religiosidade popular, assim como tentamos desenhar os possíveis embates entre a religiosidade popular existente e o catolicismo romanizado, devido as mudanças que passaram a vigorar com a reforma do Concílio do Vaticano II (década de 1960) que projetou uma abertura da Igreja Católica para as questões do século XX. Assim foi onde iniciamos o trabalho com nossas fontes propriamente ditas (o Cordel) analisando um conjunto de dez folhetos sobre o frei Italiano, mostrando exemplos de milagres, sermões, profecias, castigos e visitas de Frei Damião em localidades e buscando problematizar o texto poético dos cordelistas.

E no terceiro tentamos buscar problematizar as capas enquanto discurso imagético, levantando a discussão acerca de sua produção. As capas entendidas como comunicação simbólica/visual que dialogam com as narrativas impressas nos folhetos e funcionam como convite para que os leitores através de imagens em xilogravura ou clichê (técnicas de impressão de imagens), pudessem saber do que se trata o folheto. As mesmas apresentam muito da ideia central do sentido da narrativa cordelística. Por exemplo, a capa do folheto: *“História do protestante que tirou a barba de Frei Damião”*, para representar sua história o cordelista usa uma fotografia de Frei Damião com sua barba o que faz com que os leitores lembrem das características físicas do Frei que em muitas narrativas populares dizem ser nuvem, algodão.

Sendo assim, chegamos ao final deste trabalho que foi feito a várias mãos e que me possibilitou compreender que as narrativas construídas acerca de Frei Damião vão além da composição puramente fantasiosa ou do discurso apenas catequético, pois são expressões de uma historicidade em que os códigos de moralidade e controle social estavam muito presentes no cotidiano das pessoas. Frei Damião não é apenas um missionário comum nesse contexto, mas um moralizador da sociedade, um conselheiro espiritual e um catalizador do pensamento da Igreja a qual pertencia, mesmo que para catalisar esse pensamento tivesse que transitar com seu discurso espiritual e escatológico por meio de um catolicismo sertanejo muito forte.

FONTES:

ALEXANDRE, João. **Frei Damião proibido chorou que fez piedade**, 1976.

BATISTA, Abraão. **Proibição do bispo do Crato contra Frei Damião e o porquê**, 1983.

CARLOS, Severino. **Um aviso de Frei Damião e os Mistérios das 3 pedras de carvão**, 1980.

EMELIANO, João Vicente. **Aviso Urgente da Podre Cícero ao Frei Damião**, 1980.

FERMANDES, Olegário. **Exemplo da crente que profanou de Frei Damião**, 1947.

FERREIRA, Heleno; NETO, Devid. **Conselhos e profecias do Sto. Frei Damião**, 1977.

FRANCISCO, Gilberto Severino. **O grande exemplo da moça que cantou na hora do sermão de Frei Damião**, s/d.

LEITE, José Costa. **O rapaz que virou bode porque profanou de Frei Damião**, 1950.

_____. **Os sinais do fim do mundo e as 3 pedras de carvão**, 1980.

LIMA, Natanael de. **O encontro de Frei Damião com o Padre Cícero no céu**, 2007.

MAXADO, F. **O jumento que virou gente ou O milagre do Frei Damião**, 1879.

SALES, F. **Um aviso de Frei Damião e os sinais do Fim dos Tempos**, 1970.

SANTOS, Romildo. **O terrível castigo paras ladrões que foram roubar Frei Damião**, s/d.

SENA, Joaquim Batista de Sena. **História da intriga e suspensão do bispo do Crato as missões de Frei Damião**, 1975.

SERAFIM, Manoel. **História do protestante que virou n'um Urubu porque quis Matar Frei Damião**, s/n.

SILVA, Sebastião Bernardino. **História do Protestante que tirou a barba de Frei Damião**, s/d.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de; SILVA, Leda Cristina Correia. Frei Damião: trajetórias de vida, missões, carisma e poderes. In: **Paralellus**, Recife, v.6, n.13, 2015, p. 445-466.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. Editora Universitária – João Pessoa, 1987.

BARROS, José D`Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 5.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRAGA, Wilson. **O andarilho de Deus**. Ed., Gráfica Santa Marta: João Pessoa, 2002.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1990.

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC - Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), 2010.

FILHO, Carlos Ribeiro Caldas. Religião na literatura de cordel análise da religiosidade popular do nordeste brasileiro. In: **Revista de Cultura Teológica-** v.13, 2005, s/n.

FILHO, José Rodrigues. A vez e a voz da iconografia: as possibilidades do uso de imagens no campo da literatura de cordel. In: **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**, ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016, p. 658-666.

_____; MELO, Rosilene Alves de. A iconografia na literatura de cordel: Um campo de estudos. In: **Anais do II Seminário Nacional de História e Contemporaneidade**, 2015 p. 1-10.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Luciana Vidal Cristo de. **Frei Damião na religiosidade popular**. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Monografia (Especialização em História Regional do Brasil), 2005.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e Historia Interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p.73-98.

MELO, Rosilene Alves. **Arcanos do verso: Trajetória da Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

NUNES, Geice Peres. Matizes da fé nos folhetos populares do Nordeste. In: **Darandina – revista eletrônica**, s/d, p. 1-13.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale Ribeiro. A revelação nos concílios de Trento e Vaticano II. In: **Rev. Trim.** Porto Alegre v.36 N 151 Mar, 2006, p. 055-074.

SOUSA, Silvana Vieira. **TRADIÇÃO E FÉ: memórias e Histórias de uma Religiosidade Popular na Paraíba do Século XX**. Universidade de Campinas – UNICAMP – São Paulo, Tese (Doutorado em Política, Memória e Cidade), 2010.

TERRA, Rute Brito Lêmos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste**. São Paulo: Global Ed.,1983.